A PROCURA DO ISOLAMENTO

MOUCHÃO DO LOMBO DO TEJO

MIGUEL ESTEVES

A PROCURA DO ISOLAMENTO
MOUCHÃO DO LOMBO DO TEJO

Universidade Autónoma de Lisboa
Mestrado em Arquitetura

A PROCURA DO ISOLAMENTO - MOUCHÃO DO LOMBO DO TEJO

Miguel Gomes da Conceição Sequeira Esteves
Orientadores: Francisco Aires Mateus e Joaquim Moreno
Outubro 2013

Texto segundo o Novo Acordo Ortográfico

Obrigado a todos os que ao longo do ano contribuíram para a realização deste trabalho, em particular aos professores Francisco Aires Mateus, Marco Arraiolos, Joaquim Moreno, Filipa Ramalhete, Telmo Cruz e Bernardo Pimentel pela orientação e disponibilidade.
À minha mãe e ao meu avô pela dedicação no aperfeiçoamento da dissertação. À Maria Castilho e ao João Ortigão Ramos pela persistência, pela amizade, sem os quais o trabalho não seria desenvolvido com a mesma dedicação. À Mariana por toda a ajuda, pela força e por me fazer acreditar que era possível. À Catarina Braga, ao Francisco Pinto Coelho, ao João Pessoa, à Joana Alvarez e ao João Simões por todas as críticas construtivas ao longo do desenvolvimento do projecto e da dissertação.
À minha família, em especial aos meus pais, aos meus avós, ao Francisco, ao Tiago, ao Diogo e ao Duarte pelo apoio e paciência.

ABSTRACT

Durante o último ano do curso de arquitectura, no âmbito da disciplina de Projecto X, foi proposta a elaboração de um projecto de um Espaço de Meditação no Mouchão do Lombo do Tejo situado junto à Lezíria de Vila Franca de Xira.
O processo deu início com a visita ao Mouchão, onde foi possível fazer um reconhecimento do território e assimilar algumas impressões acerca do lugar, quanto ao uso de espaço de meditação.
Sendo o estudo da meditação uma procura decorrente dos dias que correm e onde são encontrados diversos caminhos para praticá-la, entendeu-se a meditação como uma prática de introspeção e de procura da interioridade do ser. O tema A Procura do Isolamento surgiu da necessidade de sustentar a proposta realizada, que passa por potencializar a condição de isolamento do próprio Mouchão a fim de chegar à meditação.
Assim, através da análise de tipologias que albergam uma determinada espécie de isolamento procurou-se encontrar algumas pistas essenciais para a realização do projecto.
Pretende-se então, propor uma nova maneira de habitar um território deste tipo, assim como indicar um caminho para a prática da meditação, potencializando as condições físicas do lugar.

During the final year of the course of architecture, the elaboration of a meditation space located on the Mouchão do Lombo do Tejo near the Leziria of Vila Franca de Xira was proposed.
The processes began with a visit of the Mouchão, where it was possible to make a recognition of the territory and assimilate the first impressions of the scene regarding its use for a meditation space.
Since nowadays the study of meditation is an ongoing search and diverse paths are found to practice it, meditation was understood as a process of introspection and the search of the interiority of the self. The theme Searching for Isolation arose from the need to sustain the proposal made, by potentiating the condition of isolation of the Mouchão itself in order to reach meditation.
Thus, through the analysis of diverse typologies which host particular forms of isolation, it was sought to find some essential clues for the realization of the project.
It is therefore intended to propose a new form of inhabiting such a territory, as well as indicating a new path for the practice of meditation potentiating the physical conditions of the site in order to promote an emotional quietude and isolation.

ÍNDICE

ABSTRACT 06

A PROCURA DO ISOLAMENTO - *PARTE I* 11

INTRODUÇÃO 14
O ISOLAMENTO 16
A ARQUITETURA DO ISOLAMENTO 22
O EREMITÉRIO 42
BUÇACO - O EREMITÉRIO PORTUGUÊS 46
CONCLUSÃO 54

A PROCURA DO ISOLAMENTO - *PARTE II* 59

O MOUCHÃO DO LOMBO DO TEJO 61

DO MOUCHÃO AO BUGIO 62
O MICROCOSMOS 66

O ESPAÇO DE MEDITAÇÃO 73

PRIMEIRAS IMPRESSÕES E PONTO DE PARTIDA 74
PROCESSO CONSTRUTIVO 86
GERAR ESPAÇO 90
ESPAÇO INDIVIDUAL 100
ESPAÇO COMUNITÁRIO 110
DETALHES CONSTRUTIVOS 112
BIBLIOGRAFIA 118
ÍNDICE DE IMAGENS 120

A PROCURA DO ISOLAMENTO

PARTE I



INTRODUÇÃO

O tema *"A Procura do Isolamento"* surge como uma abordagem complementar ao exercício prático da criação de um projeto para um Espaço de Meditação no Mouchão do Lombo do Tejo, situado no rio Tejo, junto à Lezíria de Vila Franca de Xira.

A escolha do tema para esta dissertação partiu dos resultados da pesquisa inicial complementar à concretização do projeto. O isolamento surgiu, em primeiro lugar, por ser considerado como condição do Mouchão do Lombo do Tejo e, em segundo lugar, da vontade de querer potencializar esta condição da ilha.

Assim, esta investigação tem como primeiro objetivo entender o conceito de isolamento, começando por se procurar entender o isolamento como condição intrínseca ao homem e o isolamento como gerador de identidade.

Pretende-se também observar os comportamentos de algumas comunidades que vivem isoladas entre muros, utilizando como referência o livro "Manicómios, Prisões e Conventos" de Erving Goffman.

Com a intenção de poder de algum modo sintetizar como a arquitetura serviu esta necessidade em contextos extremamente diferentes, partiu-se para a análise de quatro casos de arquitetura em Portugal que tiveram como objetivo albergar comunidades em condições de isolamento diferentes. São eles, isolamento coletivo ou individual voluntário, isolamento para prevenção de contágio, isolamento social obrigatório por consequência criminal e isolamento forçado por alienação. Então as tipologias analisadas foram: O Convento Santa Maria Scala Coeli, mais conhecido como o Convento da Cartuxa de Évora; O Lazareto Novo de Lisboa; Cadeia Penitenciária de Lisboa; Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa. Esta análise teve como objetivo entender três componentes da arquitetura que sejam relevantes para a materialização do isolamento: a localização, a forma e o método construtivo.

Para uma maior aproximação ao projeto proposto, procurou-se, também, fazer a análise da tipologia de Eremitério quanto ao seu contexto religioso, à sua evolução histórica e à sua conceção arquitetónica.

E, com o objetivo de melhor compreender a tipologia de Eremitério e de fazer uma maior aproximação à realidade da arquitetura portuguesa, analisou-se Deserto Carmelita do Buçaco, pertencente à Ordem dos Carmelitas Descalços.

Por fim, pretendeu-se relacionar os casos de estudo selecionados com a realidade do Mouchão do Lombo do Tejo, a fim de compreender melhor de que modo deve e pode ser materializada a busca do isolamento.

fig. 1 "Claustrinho" do Convento da Cartuxa

O ISOLAMENTO

Isolamento: Ato de isolar ou de se isolar; Estado de pessoa ou coisa isolada; Separação completa; Solidão.[1]

Tendo como objetivo aprofundar a questão do isolamento e como construi-lo, é necessário perceber o que realmente se entende por isolamento.
A verdade é que o homem, apesar de se construir na relação com os outros e de se permanecer indissociável da sociedade que partilha, nasce completamente isolado, vive sem nunca conhecer completamente o mundo e morre num ato individual e único[2]. Esta condição é inerente à existência do ser, o que coloca questões relativamente ao tempo para estar em solitude e ao tempo de estar em sociedade. Martin Heidegger (1926)[3], na sua obra Being and Time, descreve dois modos de existência: o modo do dia a dia em que se vive em função do mundo e dos outros, onde o homem se envolve em várias atividades, distraindo-se, e não refletindo sobre a sua existência e sobre as suas potencialidades (modo de vida inautêntico) e o modo em que o homem na sua individualidade reflete e se observa a si próprio, reconhecendo a sua existência, valorizando a sua responsabilidade e liberdade. Assim, esta reflexão, contribui para uma melhor exploração das potencialidades do homem, tornando-o mais autêntico e oferecendo um sentido à vida, o que contribui para que a vida em sociedade seja mais equilibrada. Existe portanto, através da reflexão individual, uma aceitação das questões existenciais do ser. O autor conclui que a procura de ser autêntico deve ser uma prioridade, apesar de se viver a maior parte do tempo em inautenticidade. Notamos que Heidegger relaciona a individualidade com a autenticidade e a vida partilhada com a inautenticidade. Esta questão é um pouco ambígua, pois a construção de cada individuo também depende de todos os estímulos adquiridos da vida em sociedade, mas serão esses estímulos condutores para a autenticidade do ser? Irvin Yalom (1980)[4], respondendo a esta questão, defende que é no isolamento que é feita a confrontação e a reflexão é intrínseca ao ser, não deixando de reconhecer que o caráter inter-relacional faz parte da construção do indivíduo.

Na reflexão o individuo está só e os outros são irrelevantes. Tanto Heidegger como Yalom defendem que é no isolamento, afastado do mundo do dia a dia, através da solidão, do silêncio, da disponibilidade e da profunda reflexão, que as condições da existência do homem são consciencializadas. Pode, assim, afirmar-se que o isolamento é uma condição intrínseca ao homem e, que para além disso, é um instrumento estruturador do autoconhecimento e da busca e encontro de respostas existenciais, sejam elas de origem religiosa ou não.



1 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013
2 HEIDEGGER, 1926
3 Ibidem
4 YALOM, 1980
fig.2 cela do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa

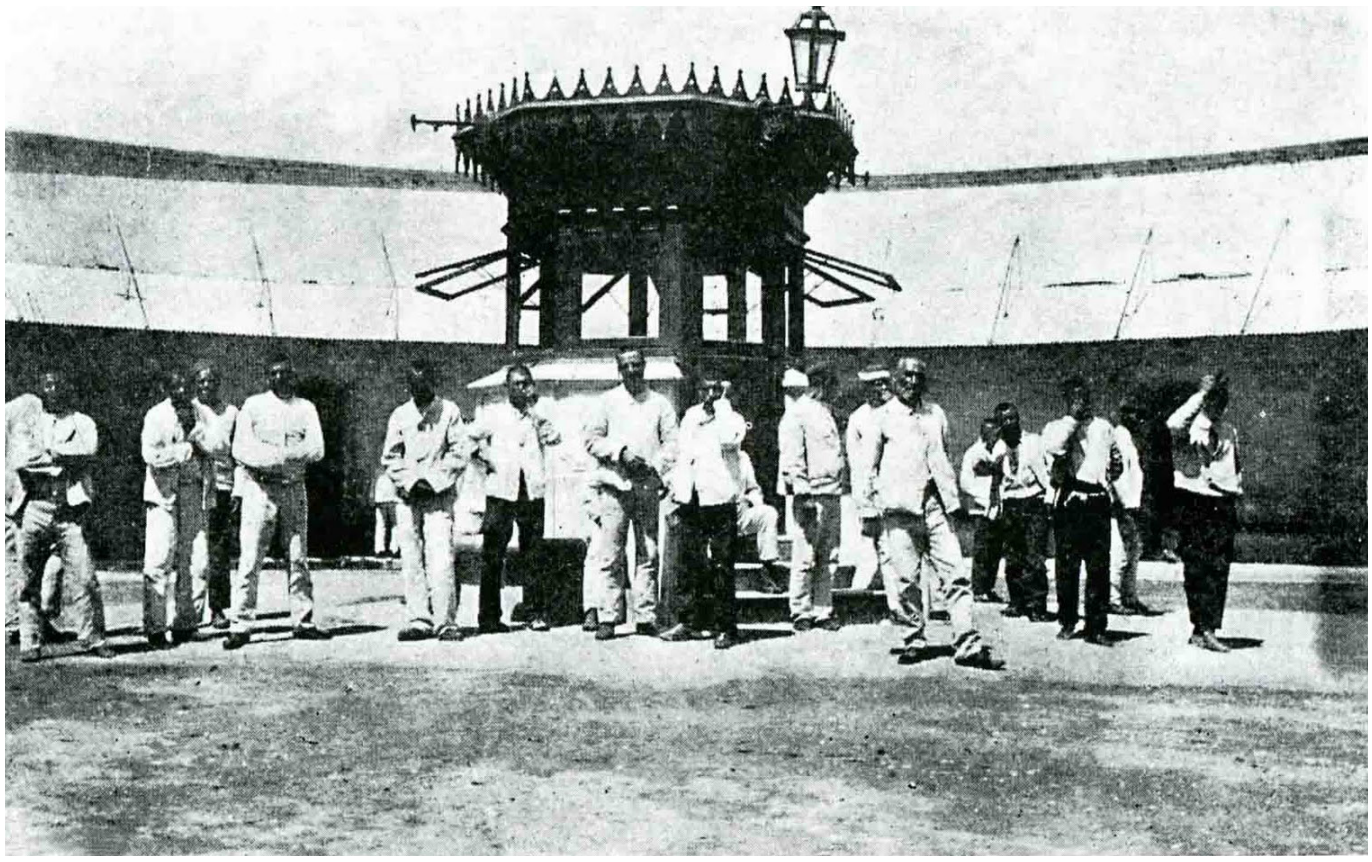


fig.3 doentes psiquiátricos internados no Pavilhão de segurança Miguel Bombarda de Lisboa

As comunidades entre muros

Existe uma série de tipos de isolamento em comunidade, os quais serão referidos no próximo capítulo. Antes serão analisados alguns comportamentos do homem presentes nas comunidades isoladas “entre muros”.
Geralmente, em instituições que têm como principal premissa o isolamento, são impostas novas rotinas e hierarquias, dependentes da organização de cada instituição. Estas novas rotinas, para o homem que vivia outrora em partilha com a sociedade, ganham uma nova importância na sua vida diária. São as pequenas rotinas e horários que, de forma prioritária, constroem o dia a dia destas instituições, tornando-se um elemento fulcral para a adaptação de quem nelas vive. Esta é uma questão que está diretamente relacionada com o problema da identidade do individuo. Ou seja, ao entrar num lugar deste caráter pode afirmar-se que há uma perda de identidade. Não de uma identidade absoluta, que confere a autenticidade do homem, mas daquela que foi construída na sociedade onde pertencera. Assim, ao ser imposto pela organização o que se deve fazer e o que não se deve fazer, está também a ser imposto o que o individuo pode ser.[5]
Ou seja, na vida entre muros, devido à perda de referências da vida exterior e à construção de uma nova identidade, surgem mais facilmente novas suposições acerca do ser, que são sistematicamente levantadas pelo participante.[6]
O respeito pelas rotinas e hábitos deste tipo de instituições não é só um modo para o bom funcionamento do lugar mas também o caminho para a tranquilidade e para a introspeção.
Ou seja, ao afastar-se destas rotinas impostas, o homem está a afastar-se também do “eu” formal e do mundo oficialmente disponível para ele, dificultando o encontro com o próprio. Daí a importância da ambivalência que é proposta nestas instituições, entre uma vida isolada e individualista, e uma vida isolada partilhada em comunidade, para um maior autoconhecimento e uma melhor inter-relação social.



5 GOFFMAN, Erving 2001
6 Ibidem
fig.4 páteo do Pavilhão de Segurança Miguel Bombarda de Lisboa





fig.5 porta de entrada de uma cela do Convento da Cartuxa
fig.6 zona de leitura de uma cela do Convento da Cartuxa



fig.7 claustro grande do Convento da Cartuxa

A ARQUIECTURA DO ISOLAMENTO

A arquitetura, através da localização, da forma, e do método construtivo, serve e comunica uma determinada função. Assim, pretende-se com a análise de alguns edifícios em Portugal que pela sua localização, ou pela sua forma, ou pelo seu método construtivo, surgiram como reflexo à vontade de materializar o isolamento.
Antes de mais, é importante referir que tipologias estão inseridas na categoria de edifícios que tem como função principal proporcionar o isolamento humano. Erving Goffman identificou três categorias principais: manicómios, prisões e conventos. Estas são, provavelmente, as mais óbvias e experimentadas tipologias, no entanto, podem ser observadas em Portugal outras que assistem a esta função e que tão bem se serviram da arquitetura para o conseguir. É o caso dos sanatórios, das leprosarias e dos lazaretos, que tinham como objetivo dar abrigo e tratamento a pessoas que sofriam de doenças contagiosas e que deveriam estar isoladas ou em quarentena. Assim, será analisada uma enfermaria para doentes psiquiátricos, um edifício prisional, um convento, e um lazareto, a fim de entender o propósito de três componentes da arquitetura: a escolha da localização e implantação do edifício, a decisão da forma e a escolha do método construtivo. Os edifícios analisados serão: 1. Convento da Cartuxa de Évora; 2. Cadeia Penitenciaria de Lisboa; 3. Lazareto Novo de Lisboa no Porto Brandão; 4. Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa.

Localização

À partida, parece ser certo que para se estar isolado, se deve procurar um local longe dos grandes aglomerados. Era este o princípio que algumas ordens religiosas, na idade média, ambicionavam: procuravam lugares ermos, onde facilmente se pudessem estabelecer a fim de criar o seu próprio microcosmos. Os locais escolhidos por estas ordens religiosas eram, geralmente, vales bem irrigados com abundância de água para as práticas agrícolas.
Em Portugal temos o exemplo da Ordem Cartuxa, que se estabeleceu em 1587 no Convento Santa Maria Scala Coeli, em Évora. “Isolamento e convivência, natureza e cultura, mundo espiritual e mundo terreno, material”[7]. Inspirados nos princípios de S. Bruno, criador da ordem, os monges cartuxos procuravam um lugar ermo, deserto, para meditar em solidão, mas também para partilhar uma vida em comunidade. A escolha da localização era mais complexa do que encontrar um lugar isolado dado que, associados aos princípios de isolamento das ordens religiosas, estão os princípios de subsistência e autossuficiência. Para tal, a escolha da localização passa por encontrar um local que, apesar de isolado, possua todas as condições necessárias para a construção de um microcosmos autossuficiente. Foi precisamente o que aconteceu no caso do Convento da Cartuxa, que foi implantado fora da muralha de Évora, numa zona irrigada e abastecida de água pelo Aqueduto da Água de Prata, que atravessava o vale, fazendo a ligação com a cidade.

7 CARAPINHA, Aurora. 1999



fig.8 implantação do Pavilhão Miguel Bombarda de Lisboa

A Cadeia Penitenciaria de Lisboa, cuja construção se iniciou em 1864, embora atualmente se encontre envolvida no aglomerado urbano da cidade de Lisboa, na época de construção o local escolhido era marcado por quintas e propriedades muradas. Então aproveitou-se o deslocamento e um muro pré-existente com o objetivo que a instituição se mantivesse afastada do centro urbano, mas devido ao crescimento da cidade, a Cadeia Penitenciaria acabou por ser absorvida pela malha urbana, localizando-se atualmente no centro da cidade.
Construído em 1869, o Lazareto Novo de Lisboa foi criado para albergar pessoas que entrando por via marítima no porto de Lisboa, estivesse infetadas com alguma doença que obrigasse a quarentena. Estava implantado na margem sul do rio Tejo, oposta à cidade de Lisboa. Esta localização evitava que houvesse contacto com a população local, impedindo o contágio de doenças trazidas de outros continentes, facilitando o acesso direto à quarentena necessária.
Estes três exemplos, o Convento da Cartuxa, o Lazareto Novo de Lisboa e a Cadeia Penitenciária de Lisboa estavam propositadamente localizados fora dos grandes aglomerados, a fim de se obter e reforçar a necessidade de isolamento das pessoas que neles se encontravam.
Contrariamente a estes, o Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda, construído em 1896, foi implantado no complexo hospitalar psiquiátrico previamente existente. O antigo Hospital de Rilhafoles, começou por ser um complexo hospitalar que acolhia 300 doentes. A construção deste hospital é o reflexo de uma mudança de atitude social e médica perante os doentes mentais: os que outrora eram marginalizados e tratados como casos médicos inferiores passaram a ter uma instituição especializada para o seu tratamento. Sendo um Hospital, não se sentiu a necessidade de que tais instalações fossem fora dos núcleos urbanos, tendo sido aproveitadas as pré-existências de um edifício que anteriormente pertencera à Congregação dos Padres da Missão de S. Vicente de Paulo, localizado na colina de Santana em Lisboa.

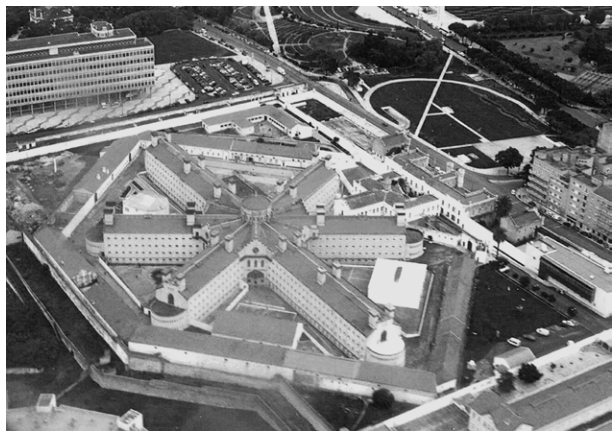


fig.9 implantação da Cadeia Penitenciária de Lisboa

Forma

A relação entre a forma e a função é um tema corrente na história e teoria da arquitetura. A afirmação a forma deve sempre seguir a função[8] publicada em 1896 por Louis Sullivan num artigo de uma revista americana influenciou a arquitetura moderna, assegurando que, por um lado esta deve ser adequada às novas necessidades humanas e, por outro deve ser uma resposta direta aos novos materiais e técnicas construtivas. [9]

Antes deste tema ser abordado no contexto das escolas funcionalistas que se desenvolveram no seculo XIX e que influenciaram a arquitetura moderna, é necessário observar como, no enquadramento das ordens religiosas, a forma também estava associada à função e às regras e ideais de cada ordem.

A Cartuxa de Évora, originalmente chamado Convento Santa Maria Scala Coeli, é um exemplo de como os princípios de isolamento impostos pela ordem foram materializados em espaços arquitetónicos que possibilitavam todos os rituais e todas as rotinas impostas pelos fundadores da ordem. Os monges cartuxos procuravam a solidão em ambivalência com a vida em comunidade. Os princípios da ordem de S. Bruno estão, assim, sintetizados na organização espacial do convento: a procura da solidão eremítica em comunhão com a vida cenobita monacal é concretizada no grande claustro que define o convento.

O mundo anacorético e o mundo cenobítico eram destinados preferencialmente aos padres e correspondiam à recriação do deserto. Configuravam-se nos espaços abertos, no laranjal do claustro principal, na horta comunitária e na intimidade do habitáculo individual de cada anacoreta. O grande claustro, de geometria ortogonal, continha ao centro uma fonte de água que se encontrava rodeada por um denso laranjal e por oito ciprestes colocados geometricamente. A espiritualidade encontrada do claustro não assenta tanto no traçado da estrutura arquitetónica mas na vasta dimensão do mesmo, na sua grandiosa simplicidade monótona, na sua pureza de conceção; e na lisura do plano, na ausência de formas de terra ou que sobre ela se acrescentem e que possam distrair o olhar ou encobrir algo ou alguém, (...) a solidão é uma presença, e o silêncio absoluto.[10]

O habitáculo dos anacoretas era marcado pela sua composição e geometria simples e pela sua pequena escala que contrastava com o grande claustro. Estes habitáculos continham um pequeno jardim, onde era privilegiada a cultura de algumas espécies vegetais que definiam a individualidade de cada padre.

O mundo cenobítico continha a igreja, a sacristia, o refeitório, a sala do capítulo, e outos espaços da vida comunitária. Todos estes espaços eram articulados por um pequeno claustro: o Claustrinho. Este elemento servia como articulação dos espaços da vida cenobítica e também reforçava a qualidade clausural do convento no contacto com o céu e a com natureza humanizada.

Não menos importante do que o mundo destinado aos padres era o mundo destinado aos irmãos conversos: o mundo dos espaços de produção e das coisas terrenas. Eram oitenta hectares que se encontravam entre o espaço de clausura e a cerca que limitava a propriedade, era o mundo das coisas terrenas, das coisas materiais, que mantinham a autossuficiência do convento. Continha uma horta murada e o resto destinava-se a terreno de pastagem. Este caráter não anulava a espiritualidade do lugar, pelo contrário, reforçava os ideais eremíticos.

O formalismo geométrico do Convento da Cartuxa, para além de servir rigorosamente os tipos de utilização impostos pela Ordem de S. Bruno, conseguiu separar o mundo individual do mundo comunitário, oferecendo-lhes diferentes identidades alcançadas essencialmente através da forma.

.

8 SULLIVAN, Louis. 1986
9 FREIRE, Vítor Albuquerque. 2009
10 CARAPINHA, Aurora. 1999

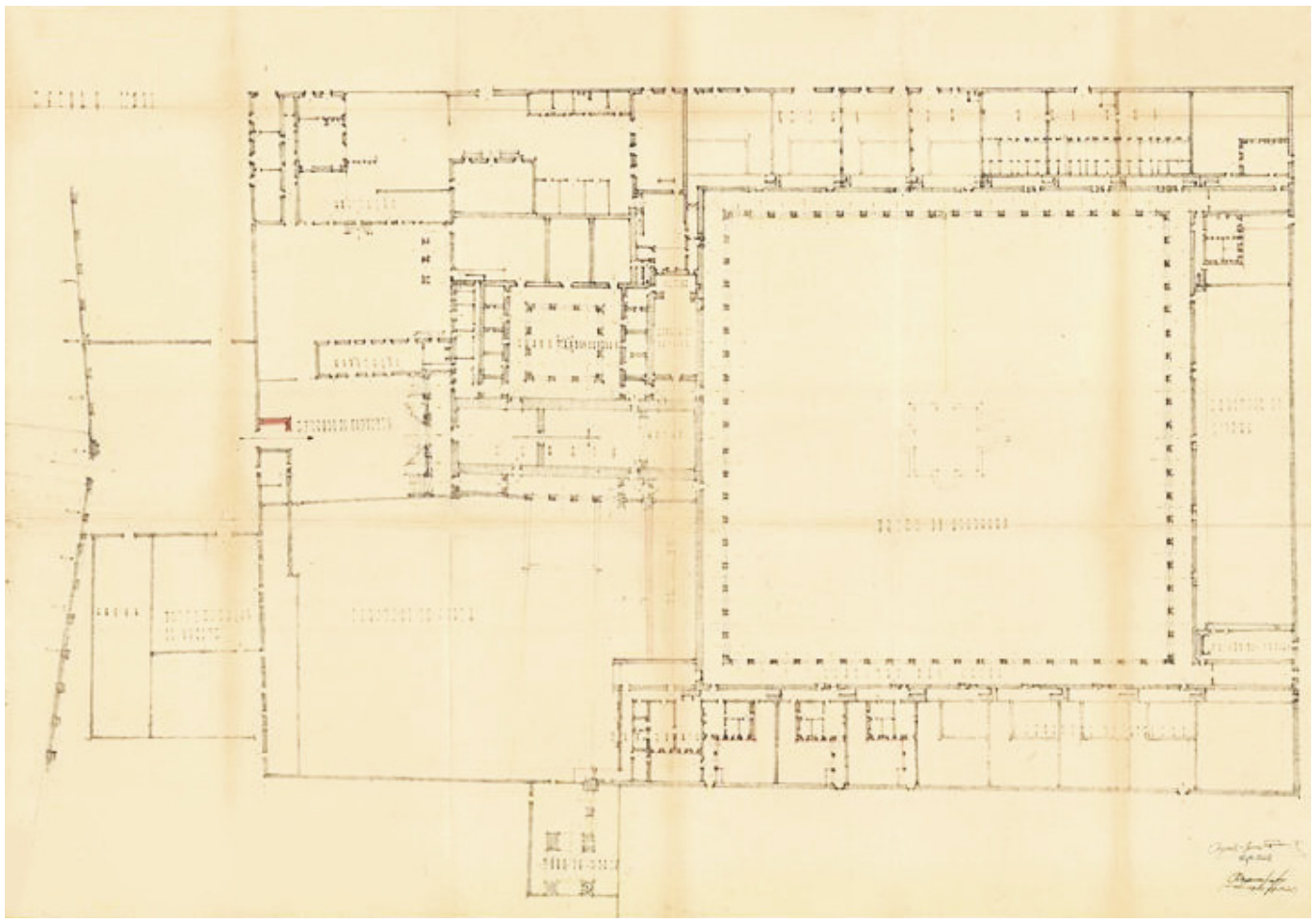


fig.10 planta do Convento da Cartuxa de Évora



fig.11 jardim da cela individual do Convento da Cartuxa

A Cadeia Penitenciária de Lisboa, o Lazareto Novo de Lisboa e o Pavilhão de segurança do Hospital Miguel Bombarda não são, propriamente, um reflexo das ideias expressas por Sullivan, mas podem ser referidos como exemplos onde está expressa a relação entre a função e a forma.

O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda, edifício de sistema panóptico, foi concebido em 1896 pelo arquiteto português José Maria Nepomuceno. O sistema panóptico, literalmente do grego "visão total", foi criado em 1787 por Jeremy Bentham, jurisconsulto e filósofo reformador inglês, autor do livro Panopticon publicado em 1791[11]. O sistema panóptico foi um sistema concebido para qualquer instituição em que a observação e o controlo de pessoas se mostrasse conveniente[12]. Este sistema partia de um edifício de forma circular com as celas dispostas em redor e o posto de observação ao centro, permitindo o contacto visual com todos os participantes, com a particularidade de não saberem quando.

O modelo de Bentham para as penitenciárias nunca foi aplicado tal como ele o concebeu. Embora fosse um modelo fascinante pela geometria, pelo experimentalismo e pela possível eficácia funcional, as prisões panópticas foram maioritariamente desaprovadas por serem consideradas dispendiosas, graças à forma circular, ruidosas, escuras e onde a falta de privacidade se tornava desumana.

O Pavilhão de segurança do Hospital Miguel bombarda de Lisboa foi criado para acolher doentes psiquiátricos criminosos ou que fossem considerados perigosos para a sociedade. O pavilhão é composto por um corpo circular, espaço de reclusão e por um corpo retangular, onde se inseria a enfermaria e a entrada do edifício. O corpo retangular, pela sua configuração e traço neoclássico, transmite uma certa imponência, tendo a fachada marcada pela centralidade e simetria com uma majestosa porta de entrada de arco de volta inteira, enfatizada por um frontão retangular. O corpo circular, com telhado de uma só água orientada para o exterior do edifício, contem em redor celas dos utentes destinando o espaço restante a grande pátio delineado por uma galeria circundante.

Ao contrário do corpo de entrada, que contém grandes janelas verticais, o corpo circular é marcado por pequenas frechas para o exterior. É na passagem de um corpo para o outro que é feito o único acesso à zona de reclusão. Ao se transpor o portão de ferro que faz a ligação, entra-se diretamente para o pátio do espaço prisional, pelo qual se estabelecem todas as comunicações. Segundo ditava o modelo panóptico, o projeto inicial do pavilhão de segurança continha um posto de controlo em ferro e vidro no centro do pátio para facilitar o contacto visual com todos os doentes. O vanguardismo deste edifício não está presente apenas na forma do corpo circular. O arquiteto teve a preocupação de tornar arredondados todas as aberturas dos vãos de portas e as arestas dos bancos existentes ao longo da galeria, a fim de facilitar a limpeza, o contacto visual e reduzir a hipótese de lesões nos doentes. Este gesto é mais do que um limar de arestas, é um propósito que está intencionalmente evidenciado, marcando a modernidade do edifício. Toda a galeria que circunda o pátio circular é ensombrada por uma estrutura de ferro e zinco, suportada por cima, a fim de se tornar inacessível aos utentes. Para além de proporcionar uma zona de estadia com mais qualidade, humaniza a escala do pátio por anular a verticalidade das altas paredes brancas.

Apesar de o projeto de José Maria Nepomuceno se ter baseado nas diretrizes do Prof. Miguel Bombarda, acabou por falhar em alguns aspetos funcionais relevantes para os fins terapêuticos e para a utilização do edifício. O primeiro aspeto que veio a verificar-se foi a desorientação que pode provocar habitar um edifício circular. Outro aspeto que a evolução da medicina psiquiátrica veio a concluir foi a reclusão individual forçada não resultar como forma terapêutica, antes pelo contrário, ser prejudicial.[13] O caráter de espaço de reclusão do edifício foi sendo anulado com o passar dos anos, a fim de se encontrar um local que contribuísse mais facilmente para a reabilitação: o posto de controlo foi retirado e, em contrapartida, criou-se um lago e uma pequena horta para incentivar o trabalho manual.

11 FREIRE, Vítor Albuquerque. 2009
12 BETHAN, Jeremy
13 FREIRE, Vítor Albuquerque. 2009

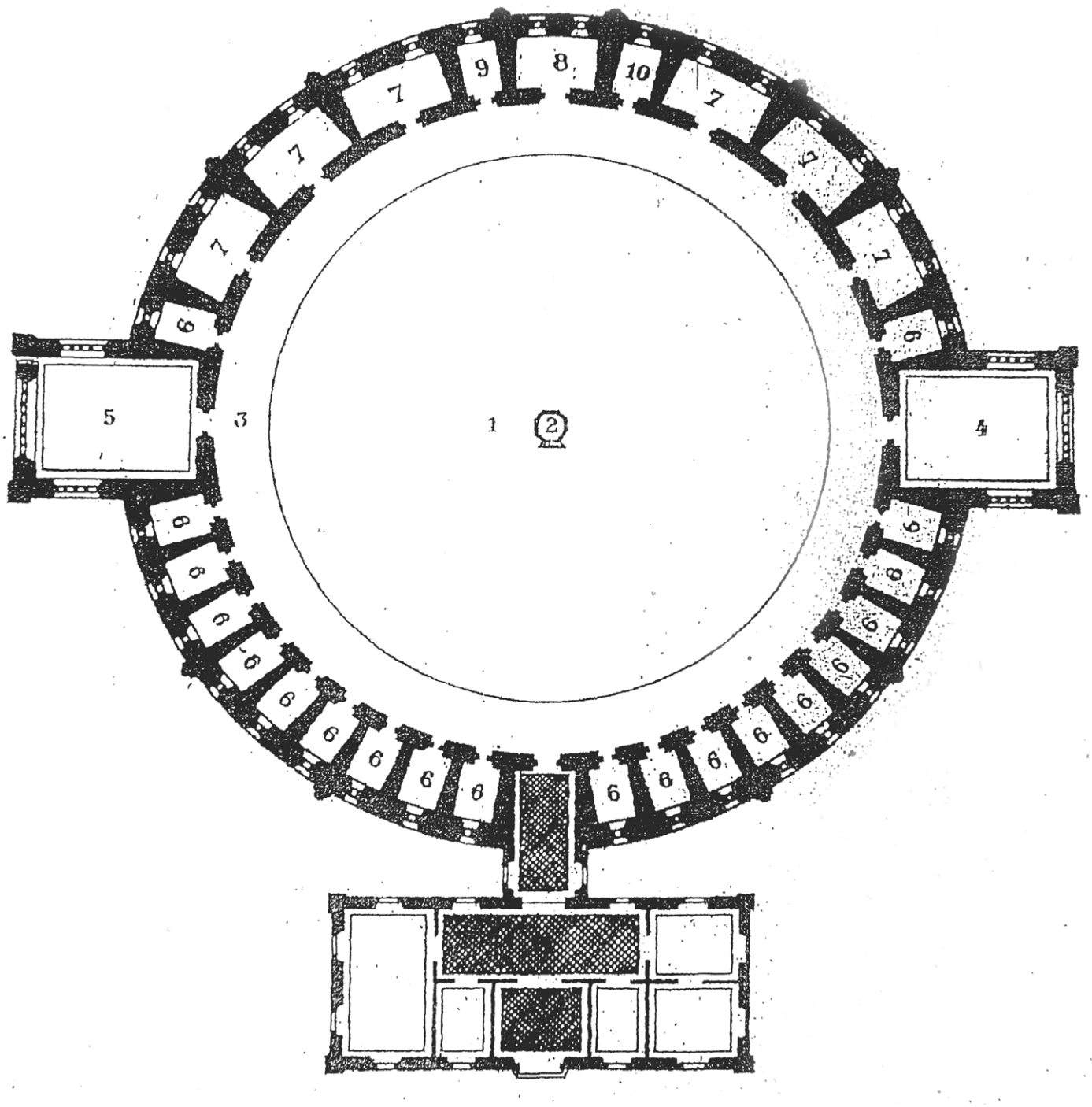


fig.12 planta do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa



fig.13 páteo do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa

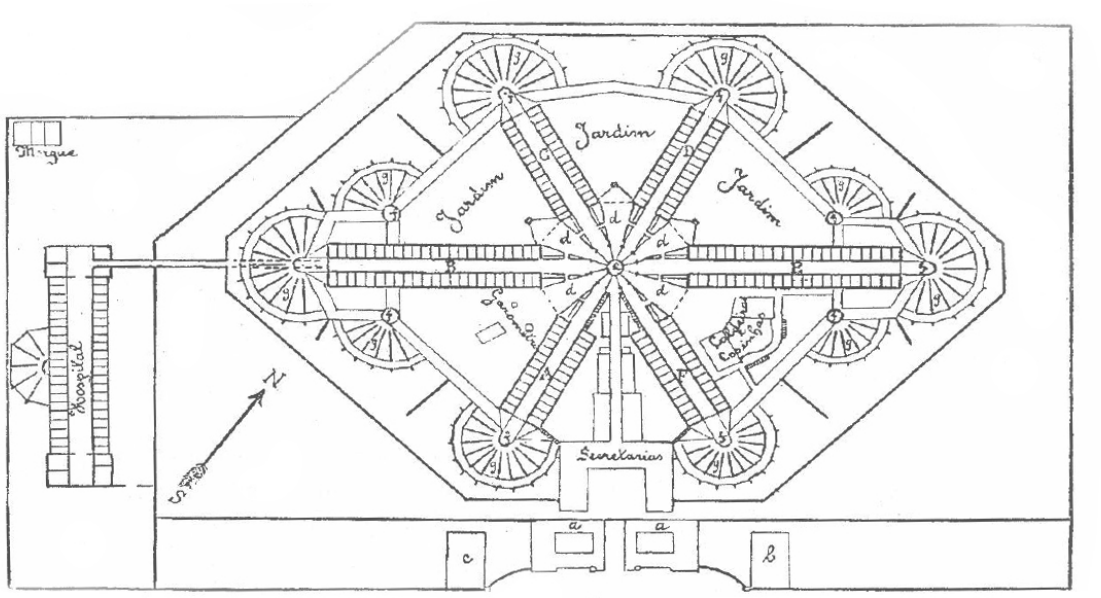


fig.14 planta da Cadeia Penitenciária de Lisboa



fig.15 fachada principal da Cadeia Penitenciária de Lisboa

A nível do funcionamento do edifício, também se verificaram algumas falhas. A primeira refere-se à falta de conforto existente durante os meses frios do ano, visto que as celas davam diretamente para o pátio exterior, e por isso, todas as circulações necessárias eram feitas pelo exterior. Outro fator que também causou alguns problemas de habitabilidade foi a instalação de utentes em excesso para a capacidade inicialmente prevista, o que obrigou a uma sobrecarga das celas e à alteração da utilização de outros espaços em dormitórios.
O Pavilhão de Segurança materializou o pensamento e a visão do Prof. Miguel Bombarda numa conceção racional e vanguardista. Mesmo com as falhas referidas, é um bom exemplo de como em arquitetura "a função gera a forma", quer no modo racional como é globalmente composto o edifício, quer nos pequenos detalhes.
A Cadeia Penitenciária de Lisboa, parte de um modelo já experimentado na construção de estabelecimentos prisionais, criado pelo americano John Haviland em 1829, para o projeto da cadeia penitenciária da Pennsylvania. Este modelo, denominado de radial, era constituído por uma série de edifícios em torno de um ponto central, compondo uma estrela. Partia da ideia do panóptico e da resposta à necessidade de vigiar todo um conjunto. [14]
O projeto do engenheiro Ricardo Júlio Ferraz para a Cadeia Penitenciária de Lisboa era composto por um edifício principal de sistema radial, em forma de estrela. O edifício central, com a planta poligonal de doze lados, era de onde partiam os corpos longitudinais que continham as celas individuais, rigorosamente pensadas como espaço principal da reabilitação do prisioneiro. Este esquema permitia que a vigilância de todas as alas convergentes fosse feita a partir do centro tal como acontecia no modelo panóptico, apesar de não serem controlados visualmente os interiores das celas. Ou seja, o edifício central funcionava como um grande átrio, que continha o posto de vigilância ao centro, e de onde estavam articulados os corredores longitudinais que serviam de acesso às celas. Ao todo existiam seis alas de celas que, desenvolvidas em quatro pisos, funcionavam como corpos vazados ao centro estruturados em galeria e abertos para o átrio central. Cada ala era destinada a um tipo específico de reclusos, relacionado com o crime cometido para uma maior reabilitação de cada grupo e para um melhor funcionamento da prisão. Os corpos longitudinais eram rematados por um corpo semicircular que compunha as alas prisionais com espaços comuns.
Para além da fácil vigilância conseguida, este modelo permitia que, no espaço intermedio dos braços da estrela, fossem conseguidas áreas exteriores de qualidade e fácil acessibilidade.
Posteriormente o complexo principal foi cercado por uma serie de edifícios longitudinais que formavam um hexágono. A nível programático, estes edifícios continham oficinas, ginásios, zonas administrativas, enfermarias e outras tipologias secundárias.
A fachada principal da prisão, hoje orientada para a cidade, era independente do complexo principal e continha um edifício que servia de entrada no recinto e onde estavam instaladas as principais zonas administrativas e as residências da comunidade de guardas prisionais que também ali habitava. Esta funcionava como a face da prisão, que escondia propositadamente o complexo principal, para que a vida prisional não estivesse exposta.
O edifício era pontuado por três corpos principais, albergando o central um grande portão de entrada. Este corpo era marcado por duas torres circulares rematadas por ameias, e rasgadas por frechas verticais. Ao centro abriam-se três arcos ogivais, conferindo ao edifício, um caráter neogótico e uma certa imponência. Também a utilização de elementos como as frechas, as ameias e as densas grades nas janelas, remetiam para os antigos castelos e fortalezas impenetráveis, comunicando para o exterior a segurança instalada no edifício.
O projeto da Cadeia Penitenciária de Lisboa é um reflexo de uma nova mentalidade penal e social, onde foi formalizada a pena como reabilitação, materializando o racionalismo e o funcionalismo arquitetónico da época.

14 Ibidem

O Lazareto Novo de Lisboa surgiu na fortaleza edificada por D. João II em 1490, posteriormente reedificada por D. Sebastião em 1570, com a construção da Torre de S. Sebastião da Caparica. Era dentro da fortaleza de arquitetura militar que estava inserido de forma pouco adequada o antigo Lazareto. Os espaços insalubres e obscuros não davam resposta às necessidades exigidas para uma instituição deste calibre, e sujeitavam os viajantes a condições extremas. Assim perdurou até 1861, altura em que foi mandado edificar o Lazareto Novo de Lisboa, após a demolição de parte da fortaleza existente tendo sido inaugurado em 1869.
Foi pensado para este local um espaço que servisse para a desinfeção e verificação de bagagens, para a hospedagem, para quarentenas e para o tratamento médico. O projeto foi elaborado pelo engenheiro António Joaquim Pereira, com a participação de José Chelmiki e João Crisóstomo.
O edifício principal era composto por um corpo semicircular, de onde convergiam quatro alas em forma de "T" destinadas a quarentenas diferentes. Estes espaços tinham a particularidade de serem muito bem iluminados e ventilados para uma maior salubridade possível. Cada setor funcionava como uma hospedaria independente e a cada um correspondia um pátio ajardinado para o uso dos quarentenários. Ao longo do semicírculo existia uma espécie de deambulatório, o parlatório, onde eram feitas as visitas às pessoas que se encontravam de quarentena nas salas orientadas para o pátio circular. Assim, sem grande proximidade e contacto físico, era permitido estar junto dos quarentenários. Inserida no centro do semicírculo estava a Capela do Bom Sucesso, onde eram feitas as cerimónias religiosas. Esta configuração permitia que os quarentenários assistissem à missa a partir do interior das salas abertas orientadas para pátio.
A formalização de espaços e as condições aqui criadas alteraram o estigma existente acerca do regime de quarentena. Ao contrário do que acontecera anteriormente, graças à racionalidade do projeto do novo Lazareto de Lisboa, os serviços de quarentena aqui prestados garantiam o conforto e a dignidade merecida dos utentes que aqui foram instalados.

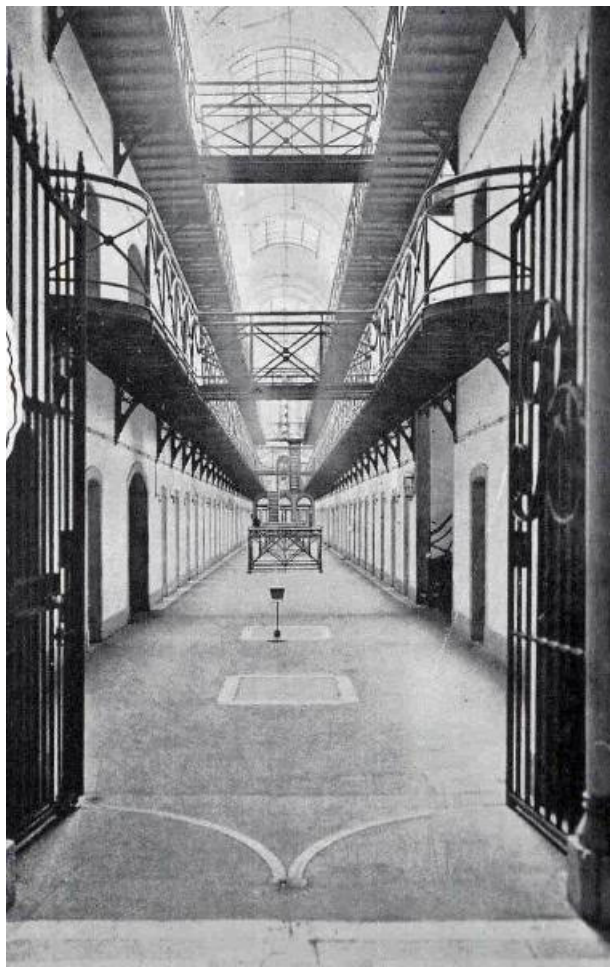


fig.16 ala prisional da Cadeia Penitenciária de Lisboa

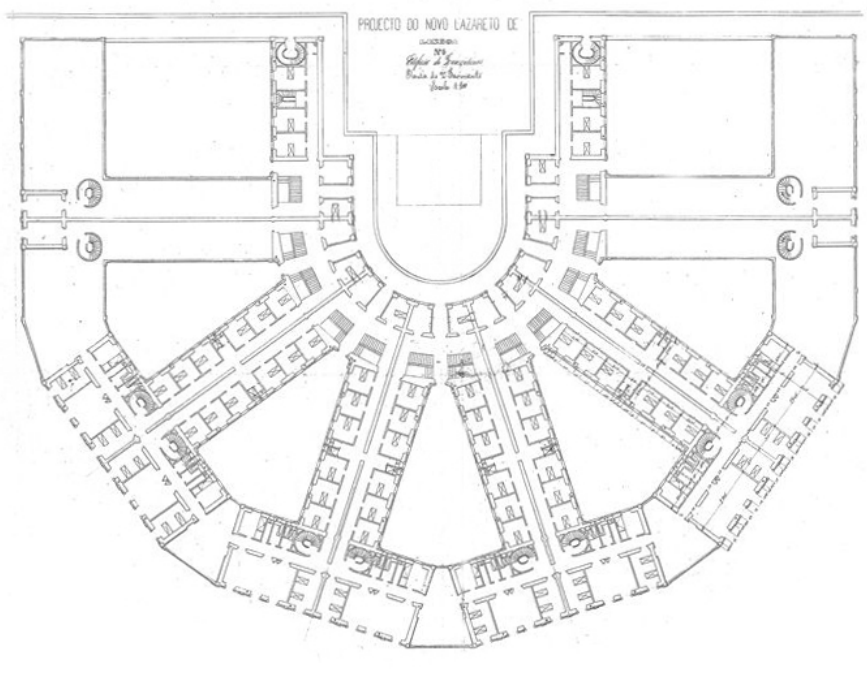


fig.17 planta do Lazareto Novo de Lisboa



fig.18 Lazareto Novo de Lisboa em ruína

Método Construtivo

"*Se tem menores dimensões, oferece mais cuidada e digna aparência valorizada pelo granito dos seus arcos e os azulejos das suas paredes. É, pois, uma característica desta cartuxa a intenção de ambientar por meio dos materiais a qualidade da sua vida, fazendo decorrer a solitária e pobre de cada dia entre tijolos e arvores, e a solene e alegra das festas entre pedra e desenho.*"[15]

Nesta descrição de um monge cartuxo acerca do claustro menor do Convento Santa Maria Scala Coeli, é evidente a intenção de valorizar os ideais cartuxos através da materialidade do convento. Era importante que, para além da configuração espacial do complexo, também os materiais contribuíssem para um ambiente que evocasse a espiritualidade, o silêncio e o despojamento. A maioria dos espaços da Cartuxa de Évora eram construídos em alvenaria de pedra ou tijolo revestidos a cal branca, que expressavam a simplicidade da obra. Também se recorreu às pedras da região para a construção de partes mais emblemáticas do convento: predominava o uso de Mármore de Estremoz (ex. fachada da igreja) e o Granito Alentejano (ex. Claustrinho). A simplicidade encontrada na escolha e no emprego dos materiais reforçou o caráter da Ordem Cartuxa, influenciando a vida quotidiana do convento e a maneira como era vivido este espaço.

Tanto o novo Lazareto de Lisboa, como a Penitenciária, como o Pavilhão de Segurança, são reflexo de um racionalismo impresso numa arquitetura funcionalista. Este tipo de arquitetura partiu da descoberta de novos materiais e de novos conhecimentos construtivos, o que permitiu que se avançasse para uma arquitetura que respondesse diretamente aos princípios funcionais propostos e a novas necessidades encontradas. Nos três casos analisados estamos perante a particularidade de se obterem três tipos de isolamento distintos que, como já foi referido, se formularam a partir de modelos formais reformadores e racionalistas, como o sistema panóptico de Jeremy Bentham ou o radial de John Haviland. Estes três exemplos eram idênticos quanto ao seu método construtivo. No entanto, continham algumas particularidades, no que toca à materialização do isolamento, que devem ser evidenciadas. O Lazareto Novo de Lisboa era marcado pelo seu caráter austero e compacto, construído em alvenaria, contrastando com alguns elementos em ferro que tornavam este espaço mais leve. A repetição de grandes vãos desmistificava, no espaço interior, o caráter austero e maciço que aparentava no exterior.

Se no Lazareto havia uma ambiguidade grande entre o ambiente exterior e o interior, na Cadeia de Penitenciária de Lisboa este contraste era ainda maior. O edifício foi também construído em paredes maciças, de alvenaria, com a particularidade de o reboco da fachada principal imitar blocos de pedra, a fim de uma maior perceção do ideal de muralha impenetrável. Esta fachada era também marcada pelas ameias e pelos torreões de pedra. Já o interior das alas prisionais era composto por um enorme vazio, arejado e iluminado por um vão no topo e pela cobertura de duas águas em ferro e vidro. Dentro dos vazios encontravam-se as estruturas metálicas que, numa altura de quatro pisos, faziam o acesso às celas. Existia portanto, uma necessidade de representar uma certa austeridade e um certo poder, que se conseguiu recorrendo aos estilos gótico e românico na fachada exterior, praticamente anulados no interior.

Na conceção do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa, o arquiteto teve uma preocupação pela mensagem que o edifício pudesse transmitir. O corpo de entrada do edifício tinha um caráter clássico a fim de o tornar mais representativo que, ao contrário da Cadeia Penitenciária de Lisboa, mantinha o mesmo acabamento em todo o edifício, conferindo-lhe um caráter mais unitário. O Pavilhão de Segurança era igualmente construído em alvenaria, mas com a particularidade de as argamassas serem trabalhadas de uma maneira singular na concretização do arredondamento de arestas.

15 CARAPINHA, Aurora. 1999



fig.19 “Claustrinho” do Convento da Cartuxa



fig.20 sala de reunião do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda

As portas pesadas de madeira maciça contrastavam com a leve estrutura de ensombramento, construída em ferro e zinco. Era considerado o elemento de exceção do edifício, também representativo da modernidade e da vanguarda, fundamental para que este espaço se tornasse mais habitável, contrariando o seu caráter prisional.
Apesar das épocas diferentes e dos usos distintos, foi possível observar nos exemplos analisados, que tanto a localização, como a forma, como o método construtivo foram essenciais para o processo da construção do isolamento destes espaços. John Pawson, num artigo sobre o projeto do Mosteiro de Novy Dvur refere que o sucesso da arquitetura monástica está tanto no modo como estão inseridos os espaços dedicados ao quotidiano – comer, dormir, banho, vestir – como nos dedicados aos rituais religiosos[16]. Ou seja, partindo do princípio que a identidade do indivíduo isolado é consolidada através de todos os rituais do quotidiano da comunidade, a localização, a forma, e o método construtivo contribuem para o bom funcionamento e uso do edifício.



16 PAWSON, John. 2010
fig. 21 Mosteiro Novy Dvur, John Pawson

O EREMITÉRIO

Com o objetivo de fazer uma maior aproximação ao contexto do projeto, optou-se por aprofundar uma tipologia que encara o isolamento de uma forma mais filosófica e radicalista: o eremitério.
O eremitismo parte da busca da solitude, que leva o homem a procurar lugares despovoados e afastados dos núcleos mais habitados, com o objetivo de se entregar à oração. Os eremitas acreditam que é no isolamento, no silêncio, nas privações e no sofrimento que está o caminho para o encontro pleno com Deus. A procura da solitude nem sempre pertenceu exclusivamente aos religiosos, pois desde a idade média que leigos se deslocavam para ermos e se dedicavam à vida solitária.
Os ideais eremitas surgiram em diversos momentos da história religiosa cristã. Ao ser analisada a história da igreja, encontram-se várias vezes referências ao deserto como lugar de reflexão e de encontro com Deus. Está escrito no novo testamento que Jesus passou quarenta dias no deserto, onde lidou com várias tentações; também Santo Alberto refere um encontro com Satanás quando esteve em privação no deserto. Ou seja, ir para o deserto significava afastar-se da sociedade e, pela penitência e pelo sofrimento, enfrentar o mal e vencê-lo. Segundo alguns Santos, este modo de vida, é o caminho para estar em plenitude com Deus.[17] Este fenómeno foi-se desenvolvendo, partindo de alguns leigos que, no século III, se instalaram nos desertos do Egito, e a quem se juntaram muitos outros que também ansiavam por este modo de vida, contagiando séculos mais tarde algumas ordens religiosas mendicantes que começaram a ter, como ritual, a procura da solidão como complemento ao tempo necessário passado em comunidade.
Começaram então por aparecer na alta idade média homens que optaram por se entregar a uma vida religiosa em isolamento. No entanto, foi apenas no final do século XI e princípio do século XII que o eremitismo se desenvolveu com mais força na Europa.
Fundada no final do século XI por S. Bruno, a Ordem Cartuxa é a primeira que parte da busca da solidão, do silêncio e da contemplação. Os seus princípios defendiam a dialética dos opostos: isolamento e convivência, natureza e cultura, mundo espiritual e mundo terreno, o que se reflete na organização espacial do complexo conventual. Este é composto não só pela matéria edificada e pela cerca delimitadora mas também pelo grupo social que aqui habitava, constituído por padres e irmãos conversos. Existe, então, na ordem cartuxa uma ambivalência entre a vida que privilegia a solidão, o recolhimento, a penitência, a espiritualidade, e a epifania que sintetizam a tradição eremítica. Herdou também, pela ordem Beneditina, a vida cenobita do monaquismo de convivência espiritual[18], mas ainda assim, tinha como elemento essencial a solidão. Este universo criado por S. Bruno concretiza-se no claustro: espaço central dos conventos cartusianos onde, por definição, se encontra um jardim, pensado para a vida de solidão/convivência, sempre submetida às regras do convento.
Outra Ordem que também deu grande contributo para o desenvolvimento do eremetismo, foi a Ordem de Cister. Alimentada por São Bernardo, tinha como ponto de partida a imitação de Cristo, ou seja, adotava a pobreza como ideal de vida. Aliava-se a este ideal de vida a penitência, o afastamento dos grandes aglomerados populacionais e, principalmente, a solidão.[19]
Estando estas infraestruturas em meios isolados e afastados dos aglomerados populacionais, o local escolhido para a implantação não poderia ser ao acaso. Encontravam-se, assim, em zonas de terrenos férteis e com percursos de água para manter a subsistência dos conventos.
Os eremitérios ou "santos desertos" atingiram o seu maior desenvolvimento durante os séculos XVI e XVII, especialmente na Península Ibérica, Europa e Colonias de Espanha. Estes movimentos, herdeiros dos ensinamentos e ideais das Ordens referidas, tinham o objetivo de concretizar o sonho da vida no "deserto".

17 BORGES, Célia Maia. 2011
18 CARAPINHA, Aurora. 1999
19 BORGES, Célia Maia. 2011

Foi a Ordem dos Carmelitas Descalços que se preocupou, acima de tudo, em recriar os "desertos", tendo esta tendência sido impulsionada, em Espanha, por Frei Tomas durante o crescimento da ordem no seculo XVI.
O lugar escolhido para a construção dos mosteiros, eram geralmente ermos, geograficamente distantes e de difícil acesso. Os religiosos procuravam a solidão autêntica e viviam orientados pelos ideais geradores da Ordem.
Os Carmelitas acreditavam que a Ordem tinha sido fundada pelo profeta Elias, no Monte Carmelo, na Palestina, e que tinha sido abençoada pela Virgem antes do nascimento de Cristo.[20] Assim sendo, assumiam-se como a primeira de todas as ordens monásticas[21] e nenhuma outra Ordem fez uma aproximação tão grande aos ideais transmitidos pelo Profeta Elias.
Não era apenas na recriação do deserto que estes ideais eram postos em prática. Também nos mosteiros carmelitas é óbvio o caráter ascético de austeridade, de despojamento, de rigor, de penitência e de mortificação. Teresa de Jesus, no "Livro da Vida", descreve assim o Mosteiro de Descalços da Ordem do Carmo e de Nª Sª do Monte Carmelo, em Duruelo:[22]

"Ao entrar na igreja fiquei espantada ao ver o espírito que o Senhor ali pusera (...). O coro era no sótão, cuja metade era alta; podia-se recitar as horas, mas era preciso que as pessoas se abaixassem muito para entrar e para ouvir a missa. Nos dois cantos laterais da igreja, havia duas ermidas onde só se podia ficar deitado ou sentado; estavam cheias de feno, porque o lugar era muito frio e o telhado quase lhes tocava a cabeça, contendo dois postigos que davam para o altar e duas pedras por cabeceiras."[23]

Este ideal de vida era muito bem recebido pelas populações mais próximas, pois ali era testemunhada uma vida de santidade, entregue à pobreza ao despojamento e à penitência.[24]

Assim, os Carmelitas Descalços difundiram o seu estilo de vida por toda a Europa e deram origem a vários conventos e desertos que ficaram famosos, destacando-se em Portugal o Deserto Carmelita do Buçaco, que será analisado mais à frente. Porém, esta tipologia havia sido experimentada anteriormente deixando alguns exemplos de referência em Portugal, como o Convento Velho da Arrábida.



20 GOMES, Paulo Varela. 2005
21 Ibidem
22 Convento de Duruelo doi fundado em 1568 por Frei João em Duruelo, Espanha. O objetivo era criar um lugar sagrado despojado de riqueza e de simplicidade extrema.
23 JESUS, Santa Teresa. 1997
24 BORGES, Célia Maia. 2011
fig. 22 Mosteiro de Duruelo

A zona da Serra da Arrábida é, desde a pré-história, um lugar de culto. A palavra Arrábida é derivada da palavra Al Rabita, de origem islâmica, que quer dizer contemplação, meditação. Esta definição confirma a ocupação da serra pelos povos islâmicos para o uso religioso. Assim se manteve como um lugar sagrado, tendo vindo a instalar-se monges eremitas dando origem ao Convento da Arrábida. [25]

Chama-se Convento Velho da Arrábida à componente eremítica primordial do existente Convento da Arrábida, que data de 1539. Implantado no coração da serra da Arrábida, encontra-se murado a toda a volta, e no interior da cerca encontram-se caminhos por entre as penedias da Serra e por baixo da densa vegetação, constituída por arbustos gigantescos e árvores de médio porte, criando um inesperado clima de amenidade e sombra.

O Convento Velho da Arrábida destinava-se a eremitério, como tal tinha todas as condições para o exercício aqui realizado. Um exercício em que o corpo e a mente são protagonistas e que, em relação com a natureza, numa atitude de despojamento, pobreza e sofrimento, é realizada a reflexão e a oração.

"Formoso ermo do sul,
Imensa imagem
Da eternidade e do infinito, salvé!
Salvé, oh pátria da paz, deserto santo,
Onde não ruge a grande voz das turbas." [26]

São ambíguas as documentações relativas ao início do Eremitério da Arrábida. Por um lado Frei António da Purificação, autor da Crónica da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, refere que o Eremitério da Arrábida foi criado por "licença e mandato do Senhor Bispo e do Cabido de Lisboa", que o concedeu à ordem de Santo Agostinho. Já o Pe. Francisco Gonzaga na sua obra De Origine Seraphicae Religiones Franciscanae, de 1587, não faz referências à ocupação da ordem de Santo Agostinho, mas sim à ordem Franciscana, ou Capuchos. Perante esta ambiguidade, o que deve ser entendido, é que a tipologia eremítica havia sido experimentada na Arrábida antes da popularização do Deserto Carmelita, que em Portugal se materializou no deserto do Buçaco.



25 PEREIRA, Paulo; BENITO, Paula.2006
26 HERCULANO, Alexandre. 2006
fig.23 vista do Convento Novo da Arrábida

BUÇACO – O EREMITÉRIO PORTUGUÊS

O Deserto Carmelita do Buçaco é, em Portugal, a única materialização dos ideais da Ordem de Elias. Ao analisar o Eremitério do Buçaco pretende-se entender como a arquitetura e o paisagismo sustentam o isolamento e a solitude que se pretendem alcançar para o ato de reflexão e de meditação.

A ordem dos Carmelitas Descalços estava estabelecida em Portugal desde 1581, mas só em 1628 é que conseguiram construir um lugar eremítico na mata do Buçaco, perto de Coimbra. O deserto de Santa Cruz do Buçaco foi fundado por Pe. Frei Thomas de Cyrillo, João Batista e por Irmão Alberto da Virgem. A estes juntaram-se uma série de religiosos que completaram a comunidade eremítica e que contribuíram para a fundação do mosteiro.

Para a criação da paisagem sagrada, os monges carmelitas visitaram a serra do Buçaco em busca do local ideal para se estabelecerem. Foi numa encosta orientada principalmente a norte, numa área de aproximadamente 100 hectares, entre as cotas 250 a 560 metros, que encontraram um lugar que reunia todas as condições que consideraram ideais para a criação do eremitério. Esta zona era caracterizada pela sua vegetação frondosa, pelo dramatismo do relevo, pela abundância de água alterando montes acentuados e de afloramentos rochosos com vales profundos verdes e húmidos.[27] Estes monges tinham como objetivo conseguir transformar um local gerido pelo crescimento natural da paisagem, num espaço onde cada gesto e cada ação são baseados nas motivações religiosas, num modo de vida autossuficiente, num ambiente marcado pela solidão e pelo silêncio. Contudo, o local escolhido pertencera ao Mosteiro da Vacariça, mosteiro beneditino, que pouco uso dava às terras mais altas, visto que o mosteiro se localizava no sopé da serra, nas zonas propícias à agricultura e à subsistência, tão próprias da ordem Beneditina.

Foi em 1628, que D. João Manoel, bispo-conde de Coimbra, procedeu à doação da mata do Buçaco à Ordem Carmelita, por tão bem corresponder às necessidades da Congregação: vales profundos, ecôncavos impenetráveis, rochas escarpadas, sítios ermos, espessura de floresta, abundancia de água, estendaes de verdura, e lá fora o mundo a tanta distância, que até lá não se podia fazer subir ecco de suas paixões.[1]

Na crónica dos Carmelitas Descalços, Frei João do Sacramento, descreve a visita do Padre Geral ao Buçaco, dirigindo-se aos seus companheiros com alegria: *Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sítio, que têm n'elle o melhor deserto da Ordem. Porque, se agora inculto, rude e tosco, é o que admiramos, cultivado, será um paraíso terreal.*[2]

E assim foi, em 1628 começou por ser edificado um pequeno e humilde convento dedicado à devoção de Santa Cruz, localizado no centro da mata, para além da construção de um muro que limitava todo o território, criando um limite físico e simbólico. Este, não só encerrava o espaço, tornando-o inacessível, como reforçava a ideia de microcosmos e de isolamento. O grande muro era aberto apenas por uma única simples porta, que servia de entrada para o convento.

Começou por ser construído um átrio central, que continha um arco no centro, e de seguida um lanço poente do convento que continha uma igreja provisória. Em 1641 D. Manuel de Saldanha, reitor da Universidade de Coimbra e bispo de Viseu (1669-1671), fundou a primeira ermida, a Ermida de São José. Também por iniciativa de D. Manuel de Saldanha, procedeu-se à criação de um caminho para a Via Sacra, numa extensão de mais de 3 Km, na qual se contemplavam os passos da Paixão de Cristo. Mais tarde, foram edificadas as ermidas de Santa Teresa, de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora da expectação, do Santo Sepulcro, de São João do Deserto e de São Miguel.

O resultado era uma paisagem sagrada pontuada por fontes, capelas, ermidas, celas e pequenos jardins.[3]

As ermidas de habitação serviam para manter completamente isolados os religiosos, oferecendo-lhes as condições necessárias para as práticas do eremita.

As ermidas eram edificadas por um ermitão que, além de ser o responsável pela sua construção, era também responsável pela sua conservação e pelo bem estar do eremita.

27 ANDERSEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela. 2004
28 SANTOS, Álvaro M. 1993
29 SACRAMENTO, Frei João do. 1721
30 ANDERSEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela. 2004

O ermitão era uma pessoa de fora da comunidade religiosa que, com este encargo, acreditava que estava a zelar pela sua própria salvação.
Nas crónicas dos carmelitas descalços, Frei João do Sacramento, descreve alguns rituais quotidianos da vida eremítica:

"O primeiro dos Anacoretas, que separados de toda a conversação inferior à Divina, angélica, ou celestial, derramados pelos bosques e montes buscava a Deus totalmente solitários. O segundo dos Cenobitas, que sujeitos à obediência e registo dos Prelados, vivam na observância de alguns estatutos comuns. O terceiro dos Eremitas, misto de um e outro, que imitando a solidão dos Anacoretas abraçavam a sujeição dos Cenobitas, para avincularem aos rigores da solidão os merecimentos da santa Obediência. Costumavam estes viver nos ermos em cellas, ou choças desviadas umas de outras; mas só a obrigação de acodirem ao Mosteiro comum em certas horas do dia, ou em certos dias da semana, segundo as disposições de suas Regras: já para orarem juntos, já para celebrarem os Divinos Ofícios, já para assistirem às colações espirituais, ou a outros empregos do mesmo gênero. De sorte que os Eremitas viviam na separaçam das cellas como Anacoretas, e na comunicação dos Mosteiros como Cenobitas, juntando um huma os procedimentos destas vidas ambas."[28]

O eremitério era composto pelo convento, que funcionava como espaço central e de encontro e continha a igreja principal; pelas ermidas de habitação, onde viviam os eremitas em isolamento durante longas temporadas; por uma via-sacra que retratava a paixão de Jesus Cristo, onde cada paragem era marcada por uma capela; por fontes, por caminhos, pequenos santuários e finalmente, a cerca.
A arquitetura carmelita não estava submetida a grande definições nem a normas muito concretas de forma. Santa Teresa de Jesus deixou documentadas algumas pistas dos princípios para uma arquitetura carmelita:
"a casa jamais se construa, senão a igreja, nem haja coisa curiosa, senão tosca de madeira; e a casa seja pequena e as peças baixas; coisa que cumpra à necessidade, e não seja supérflua. Forte o mais que puderem, e a cerca alta e campo para fazer ermidas onde se possam retirar-se para a oração, como o faziam nossos padres".
Disse ainda:
"nossas casas não se edifiquem com edifícios suntuosos, senão humildes, e as celas não serão maiores de dois passos em quadro"[29]

Apesar de, nas palavras de Santa Teresa, não serem identificados grandes detalhes sobre a escala ou a forma dos edifícios religiosos, é clara qual era a atmosfera pretendida para propiciar a calma e o silêncio espiritual nos recintos da Ordem. Estas pistas fizeram parte do processo de construção de identidade da Ordem Carmelita e que, interpretadas, resultaram numa arquitetura facilmente compreendida. Ou seja, a arquitetura carmelita é sustentada pela simplicidade, pela austeridade, pela solidez e pelo funcionalismo. O resultado é evidente na construção de igrejas de uma só nave, sem adição de elementos ou capelas que não sejam necessários para as práticas religiosas básicas. Todo o trabalho de construção mais dispendioso estava apenas associado às igrejas, não às outras tipologias existentes nos conventos.
O convento de Santa Cruz do Buçaco, implantado no centro do eremitério dos Carmelitas Descalços, é um exemplo único da arquitetura carmelita em Portugal. Este foi inspirado no modelo carmelita espanhol, de planta retangular com a igreja situada ao centro, rodeada por um corredor que dava acesso às celas que se encontravam à volta da igreja, separadas entre si, à maneira dos nossos Antigos Padres nos seus Desertos.[30] Então, a igreja estava localizada no centro do claustro, ligada diretamente ao corredor de acesso às celas, que é iluminado por quatro pátios implantados nos quatro cantos. A planta da igreja era em forma de cruz latina, com uma só nave central: num dos topos da nave principal, fechado por uma grade, estava localizado o coro; no topo oposto estava o altar.
No espaço entre o convento e a cerca estavam implantadas as ermidas de habitação. Esta tipologia estava dividida

31 SACRAMENTO, Frei João do. 1721
32 JESUS, Santa Teresa. 1997
33 Ibidem

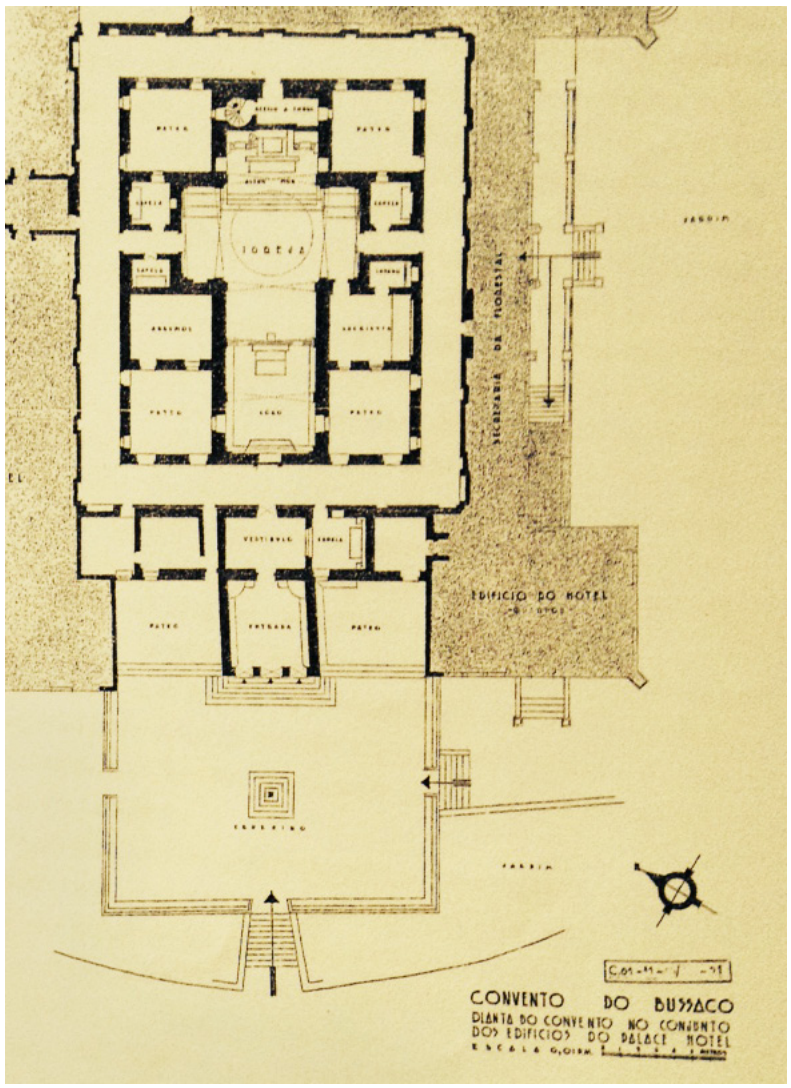


fig.24 planta do Convento de Santa Cruz do Buçaco

por dois grupos: as que se encontravam nos terrenos mais planos e as que eram construídas nas encostas da montanha. As do primeiro grupo eram antecipadas por um pequeno pátio, que servia como espaço intersticial entre a realidade da paisagem natural e a realidade da casa habitada. Por regra, a casa estava dividida em duas partes: espaço sagrado, que continha uma pequena capela com sacristia, e o espaço habitado, que continha uma cozinha e um quarto. O abastecimento de água era feito por cisterna ou por uma fonte localizada próxima da ermida. Normalmente todas as fachadas eram cegas com exceção da fachada principal, que era rasgada por uma porta e uma ou duas janelas de pequena dimensão. Esta condição das ermidas reforça a ideia isolamento que era vivido neste espaço. As ermidas localizadas nas encostas eram idênticas, mantendo a mesma estrutura arquitetónica, mas por se desenvolverem em função da topografia acabavam por ter uma morfologia diferente no que diz respeito à configuração espacial. Eram construídas em pedra proveniente do local e os telhados de telha eram pontuados por chaminés e por sineiras que facilitavam a comunicação entre os eremitas para os ritos religiosos. O caminho da via-sacra, alusiva à prisão, paixão e morte de Jesus, percorria uma grande parte do espaço cercado e era pontuado por capelas e outros elementos, como fontes, varandas e abrigos, onde estavam incutidos uma série de simbolismos relativos a estes episódios da vida de Jesus. As capelas eram de planta retangular, com cobertura piramidal rasgada por uma claraboia. A fachada principal era marcada por uma porta de moldura retangular e as fachadas laterais pontuadas com pequenos vãos para a entrada de luz. As vinte capelas eram decoradas por embrechados de seixo rolado branco e preto com motivos religiosos e outros motivos inspirados na natureza envolvente.



fig.25 Ermida da Via Sacra no Eremitério do Buçaco

A cerca é um elemento essencial para a criação do eremitério. Para além de ser uma barreira física que materializa o isolamento, é o elemento que confere uma nova identidade ao lugar. O seu caráter simbólico é tão importante como o caráter material. [31]No Buçaco foi criada uma cerca alta e imponente que salvaguardou o mundo eremítico do mundo exterior, marcando onde começa e onde acaba o espaço sagrado.

Como foi referido, a cerca do eremitério do Buçaco continha uma única entrada, as Portas de Coimbra, que se configuravam pelo seu caracter tosco e acanhado e que obrigavam a uma atitude de humildade ao se entrar no espaço sagrado.

O projeto do eremitério do Buçaco tinha duas vertentes idílicas, explicadas por Pedro Varela Gomes no artigo O Deserto Carmelita do Buçaco - Hum Breve Mapa da Cidade de Jerusalém. Varela Gomes refere que é visível, no projeto, o simbolismo do "deserto" e a alusão ao sacro-monte. Isto é, o eremitério do Buçaco representa totalmente o ideal eremítico da ordem, proveniente do Monte Carmelo em sintonia com a procura da ideia de sacro-monte. O sacro-monte é uma tipologia que parte da interpretação das referencias alusivas à paixão de Cristo na Cidade Santa, resultando numa reprodução simbólica dos passos da paixão ao longo de um monte ou de um calvário.[32]

O Convento de Santa Cruz do Buçaco está inserido no centro do território carmelita para, simbolicamente, se relacionar com o arquétipo do Templo de Salomão[33], localizado no centro da Cidade Santa. Também, a criação da via sacra marcando todo o território insinua os caminhos labirínticos de Jerusalém em direção ao calvário. Assim, o eremitério do Buçaco é, não só mais um Deserto Carmelita, como também uma formalização da importância da origem da Ordem do Carmo e a origem do primeiro espaço verdadeiramente sagrado.

O caminho da procura da solitude no deserto do Buçaco estava diretamente relacionado com os ideais da ordem Carmelita, os quais eram experienciados no microcosmos criado. O processo começava na chegada, onde pela dimensão e materialidade da porta, o homem se deveria sentir diminuído, encarando uma postura de humildade.

O despojamento além de estar associado aos princípios da ordem, está também implícito na procura do estado de solitude, no que diz respeito ao desprendimento da civilização, para o estado em que o corpo é o protagonista. A esmagadora paisagem natural contrastava com os elementos materiais que completavam o sistema, criando abrigo à escala humana individual e construindo barreiras para o mundo em redor.

34 ANDERSEN, Teresa; MARQUES, Teresa Portela. 2004

35 VARELA GOMES, Paulo, 2005

37 Templo de Salomão: segundo a bíblia, é o foi o primeiro templo em Jerusalém e foi construído no século XI a.C. Destinava-se ao culto religioso judaico



fig.26 Capela e Cruz de Caifaz

CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação pretendeu-se analisar e entender, numa série de contextos diferentes, de que maneira a arquitetura contribuiu para o processo da procura e construção do isolamento, com o objetivo de sustentar o projeto de um Espaço de Meditação no Mouchão do Lombo do Tejo.

O Mouchão do Lombo do Tejo é uma ilha artificial localizada no rio Tejo, a norte de Lisboa, junto à Lezíria de Vila Franca de Xira. Na vasta planície do mouchão ainda são visíveis os vestígios da agricultura que ali se praticava recentemente. Existe um contraste entre a paisagem artificial, geometrizada pelos antigos campos agrícolas, e a paisagem natural que vai, cada vez mais, adquirindo uma maior presença. O ecossistema da ilha é protegido pelo dique que impede o avanço das águas do rio, preservando assim a sua configuração inicial. É o encontro de uma paisagem dominada pelo homem e de uma vida vegetal e animal que se apodera das condições criadas para se desenvolver, afirmando-se.

Dada a posição geográfica do mouchão, seria de prever que o comportamento humano fosse o mesmo que na lezira que envolve a paisagem. Contudo, o processo de deslocação até ao encontro do Mouchão e a própria topografia da ilha contribuem para a consciencialização de estar isolado. A abstração de referências e a horizontalidade da planície resultam num confronto mais alargado com o céu e com a própria dimensão humana.

Partindo destas características do lugar, pretendeu-se com o projeto potencializar todas estas relações, criando espaços de isolamento individual e comunitário que permitam a estadia alargada na ilha para a meditação e reflexão.

Numa primeira abordagem ao tema, esta dissertação permitiu entender que o isolamento é uma condição intrínseca ao homem, que contribui para o autoconhecimento e para o encontro de respostas existenciais, sejam elas de origem religiosa ou não. De seguida, a análise de edifícios, inseridos em contextos diferentes, mas destinados ao isolamento, permitiu sintetizar alguns aspetos que devem ser considerados quanto à construção deste tipo de espaços, quer se esteja a lidar com isolamento voluntário ou involuntário, quer com isolamento individual ou coletivo.

Quanto à localização, embora seja possível criar estas tipologias em centros urbanos, como é o caso do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda, o afastamento contribui para este objetivo, não só pela condição física, como a temporal. Ou seja, a distância física é consciencializada naturalmente por senso comum, sendo o processo de deslocação, um início do estado de solitude. Este período é um tempo de alheamento e desprendimento do que fica para trás. No Mouchão do Lombo do Tejo, a condição de isolamento está intrínseca ao lugar e o processo de aproximação à ilha é, por si, só um desprendimento da realidade social.

Das componentes analisadas, a forma é talvez uma das mais conclusivas para este processo pela sua relação com a função, sendo reveladora do bom funcionamento destas tipologias. A forma define como é vivido um espaço. A forma propõe o tempo de circulação entre espaços, advinha o tempo de permanência em cada lugar, hierarquiza, controla o ruido, ilumina, escurece e propõem usos: espaço para dormir, espaço para comer, espaço para meditar, espaço para partilhar...

Também é no formalismo do Eremitério do Buçaco e no modo como este está inserido na paisagem que é conseguida a criação de um lugar onde a realidade em redor é esquecida, alcançando, assim, o estado de solitude. A repetição dos vários elementos inseridos no território do Buçaco conferem uma escala humana e uma nova identidade à paisagem, outrora distinguida pela densidade vegetal. Em contrapartida, o Mouchão do Lombo do Tejo é marcado pela vasta planície e pela pouca vegetação, o que torna a inserção da construção num gesto mais forte e mais marcado na paisagem.

Como foi escrito por um monge cartuxo sobre o claustrinho do Convento da Cartuxa, ou por Santa Teresa em relação à arquitetura Carmelita, a simplicidade dos materiais em comunhão com a paisagem pode incentivar ao modo ao despojamento incentivado por ambas as

Ordens. Ou seja, também existe, através da materialidade, a intenção de conduzir de que modos são vividos estes espaços. Neste caso, pretende-se o despojamento e da essencialidade, a fim de uma maior aproximação do "eu".
No que diz respeito aos espaços de isolamento, é dada uma extrema importância ao funcionamento dos mesmos e ao comportamento de quem os habita. Pode afirmar-se que a obra de arquitetura tem um contributo significativo na procura do estado de solitude, cabendo ao homem interpretar livremente o modo de habita-la. Contudo, existem determinados aspetos que influenciam todo o processo, como o acesso, a chegada, a primeira adaptação, as rotinas diárias e os comportamentos humanos.
Deste modo, os conhecimentos adquiridos com esta dissertação não têm como finalidade criar uma definição ou uma regra de como materializar o isolamento. Seria impossível que assim houvesse uma definição, dada a constante mutação da obra e dos comportamentos humanos. Contudo podemos concluir que o legado deixado deve ser assumido e respeitado como uma fonte de conhecimento indispensável na procura do isolamento.



fig.27 Cela do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda de Lisboa

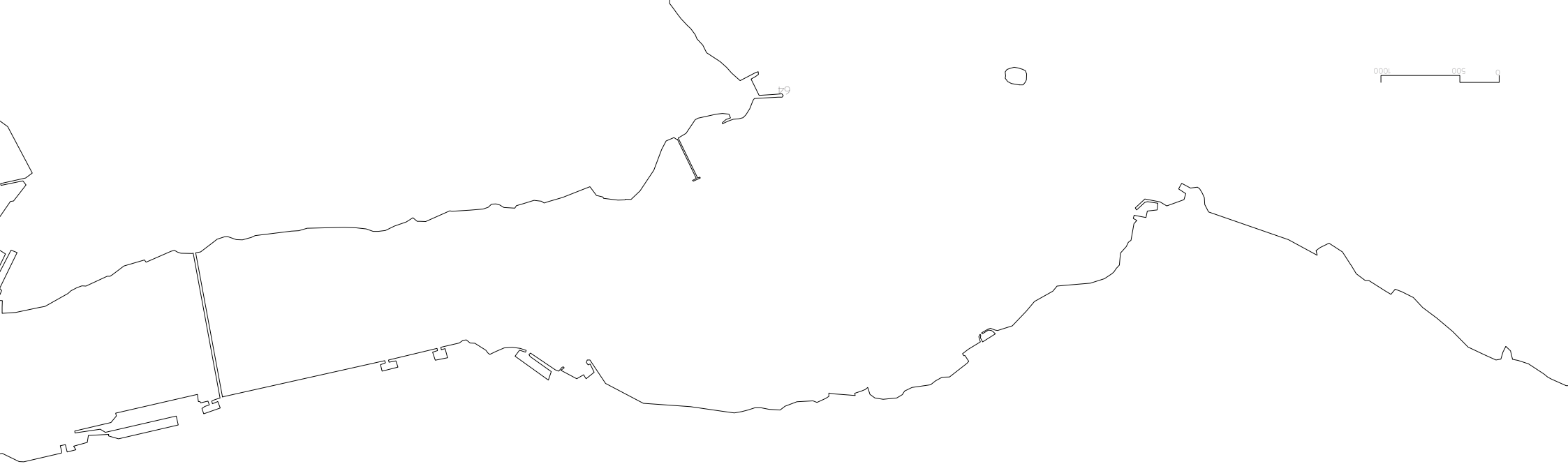
A PROCURA DO ISOLAMENTO

PARTE II

O MOUCHÃO DO LOMBO DO TEJO






1000
500
0

O Microcosmo

O Mouchão do Lombo do Tejo é uma ilha artificial localizada a norte de Lisboa, junto à Lezíria de Vila Franca de Xira. Na vasta planície do mouchão ainda são visíveis os vestígios da agricultura que ali se praticava recentemente. No topo norte da ilha estão implantadas todas as infraestruturas necessárias à prática agricola, para além da residência do propriátario e do pontão de chegada. É visível um contraste entre a paisagem artificial, geometrizada pelos antigos campos agrícolas, e a paisagem natural que vai, cada vez mais, adquirindo uma maior presença. O ecossistema da ilha é protegido pelo dique que impede o avanço das águas do rio, preservando assim a sua configuração inicial. O obeservador é deparado com uma natureza dominada pelo homem e por uma natureza, que se apodera das condições criadas, para se desenvolver, prevalecendo sobre a acção humana.

fig. 28 Mouchão do Lombo do Tejo - Bugio
fig. 29 Mouchão do Lombo do Tejo



Mouchão do Lombo do Tejo

area: 600ha
distância do centro de Lisboa: 25km carro, 3km barco
tempo de percurso pedonal do perimetero do mouchão:
cerca de 2h

PLANTA 1:50





fig.30 Levantamento fotográfico Mouchão do Lombo do Tejo



fig.31 Levantamento fotográfico Mouchão do Lombo do Tejo

O ESPAÇO DE MEDITAÇÃO

Primeiras impressões e ponto de partida

O projecto realizado resulta da proposta da criação de um Espaço de Meditação no Mouchão do Lombo do Tejo. O processo começou com uma visita ao local, onde foi feito um reconhecimento e foram tiradas as primeiras impressões. O primeiro aspecto marcante da visita ao Mouchão, é a travessia de barco que deixa para trás a densidade urbana de Vila Franca de Xira e vai ao encontro da vasta planície da lezíria. Na chegada ao Mouchão do Lombo do Tejo ainda existe o contacto com os aglomerados urbanos que estão próximos, mas a partir do momento em que atravessamos o dique que circunda a ilha, estas referências rapidamente desaparecem do campo de visão. Esta condição da ilha enfatiza o próprio isolamento da ilha, tornando o diálogo da planície com o céu mais intenso. Assim, o objectivo deste projecto, é possibilitar a estadia temporária neste lugar, potencializando o isolamento social e individual a fim de chegar à meditação.
Foi proposto que o mouchão, apesar da sua artificialidade, fosse considerado um lugar sem a intervenção humana mais evidente. Ou seja, que passasse a ser uma ilha com a total ausência de construção.
A primeira proposta do projecto é retirar as valas de drenagem dos antigos terrenos agrícolas, a fim de que com o tempo a paisagem da planície ganhe uma nova vida vegetal. É previsto que nas cotas mais baixas possam surgir alguns lagos e também alguma vegetação característica de zonas pantanosas. O objectivo deste gesto é conferir uma nova identidade a esta planície e permitir que, com o tempo, a natureza tome partido da paisagem artificial.
O espaço de meditação proposto passa primeiro por inserir elementos na paisagem, que pela sua escala, pela sua geometria e pela relação entre os mesmos, confira à planície uma nova identidade, criando um sistema que defina o território de meditação. São inseridos sete elementos na paisagem, em que seis deles são uma repetição do mesmo modelo que contém uma cela individual, e um de maior dimensão que contém um

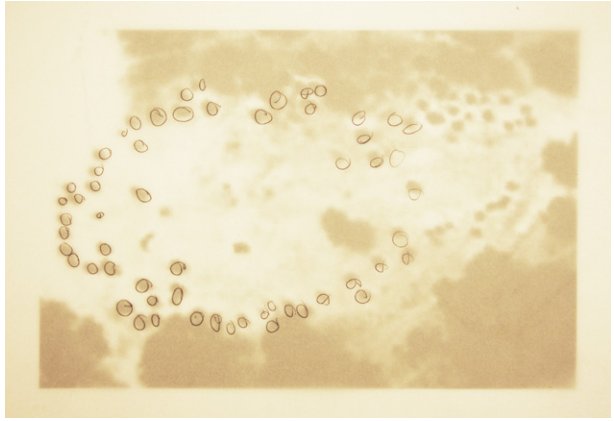


fig. 32 esquiço do processo criativo



fig. 33 Cromeleque dos Almendres, Évora

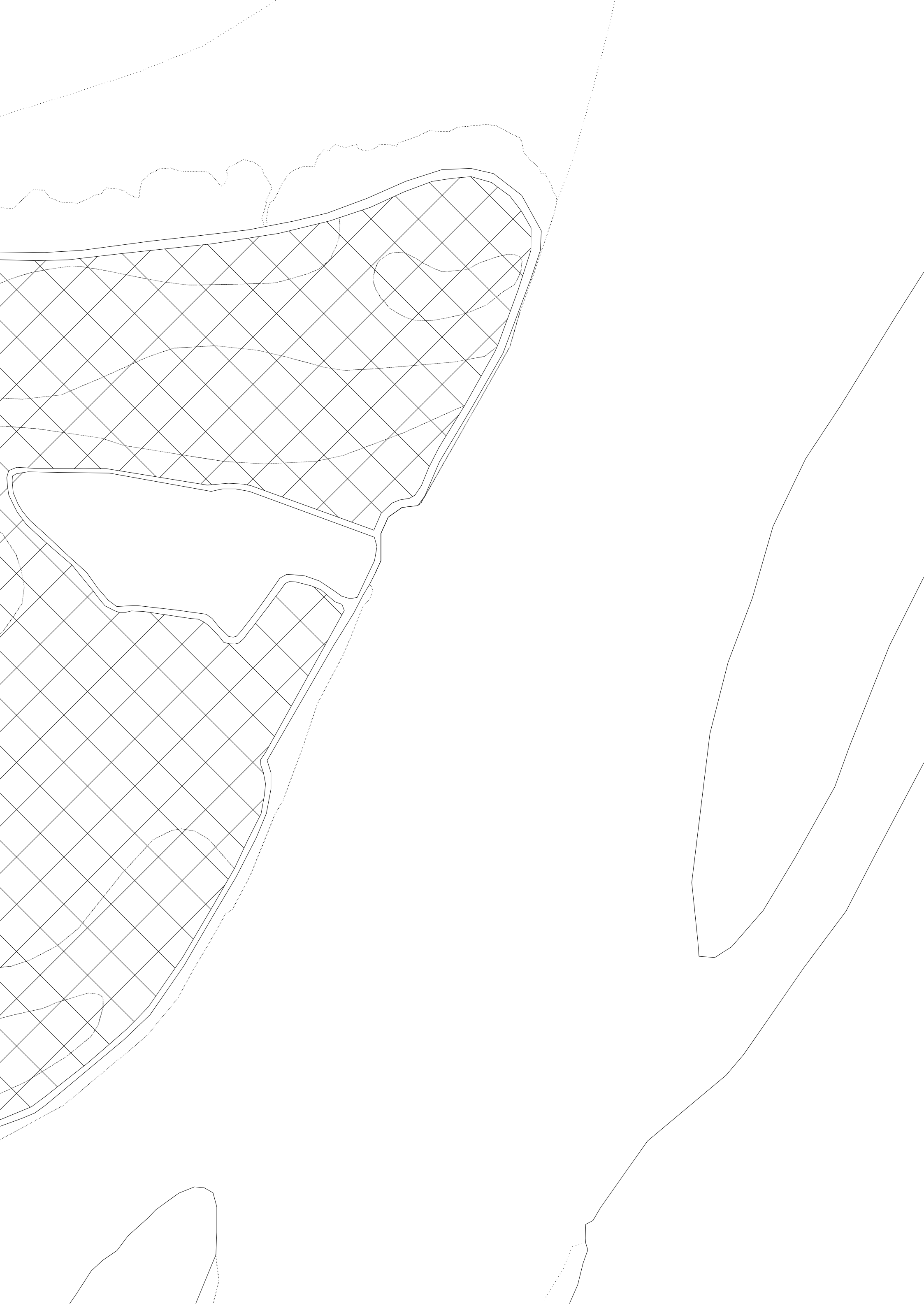
O Cromeleque dos Almendres e as esculturas do artista Donald Judd surgiram como referência durante o processo criativo e contribuíram para o desenvolvimento da ideia inicial. Procurou-se, nos dois casos analisados, entender a relação entre os volumes e os territórios onde estão inseridos. No caso do Cromeleque dos Almendres, existe uma maior quantidade de volumes inseridos na paisagem e uma maior proximidade entre eles, formando um perímetro circular com uma clareira ao centro. Já no caso da instalação artística Concrete Blocks, existe uma dispersão por território mais vasto e uma repetição de um modelo geometricamente colocado. Em ambos os casos foi desenhada uma nova paisagem, que através ou não de motivos religiosos lhe são conferidas novas referências e é fortalecida a relação com a dimensão horizontal e a dimensão vertical. Então, no Espaço de Meditação os volumes estão estão inseridos à mesma distância através da sobreposição de uma malha geométrica com a planície do Mouchão.

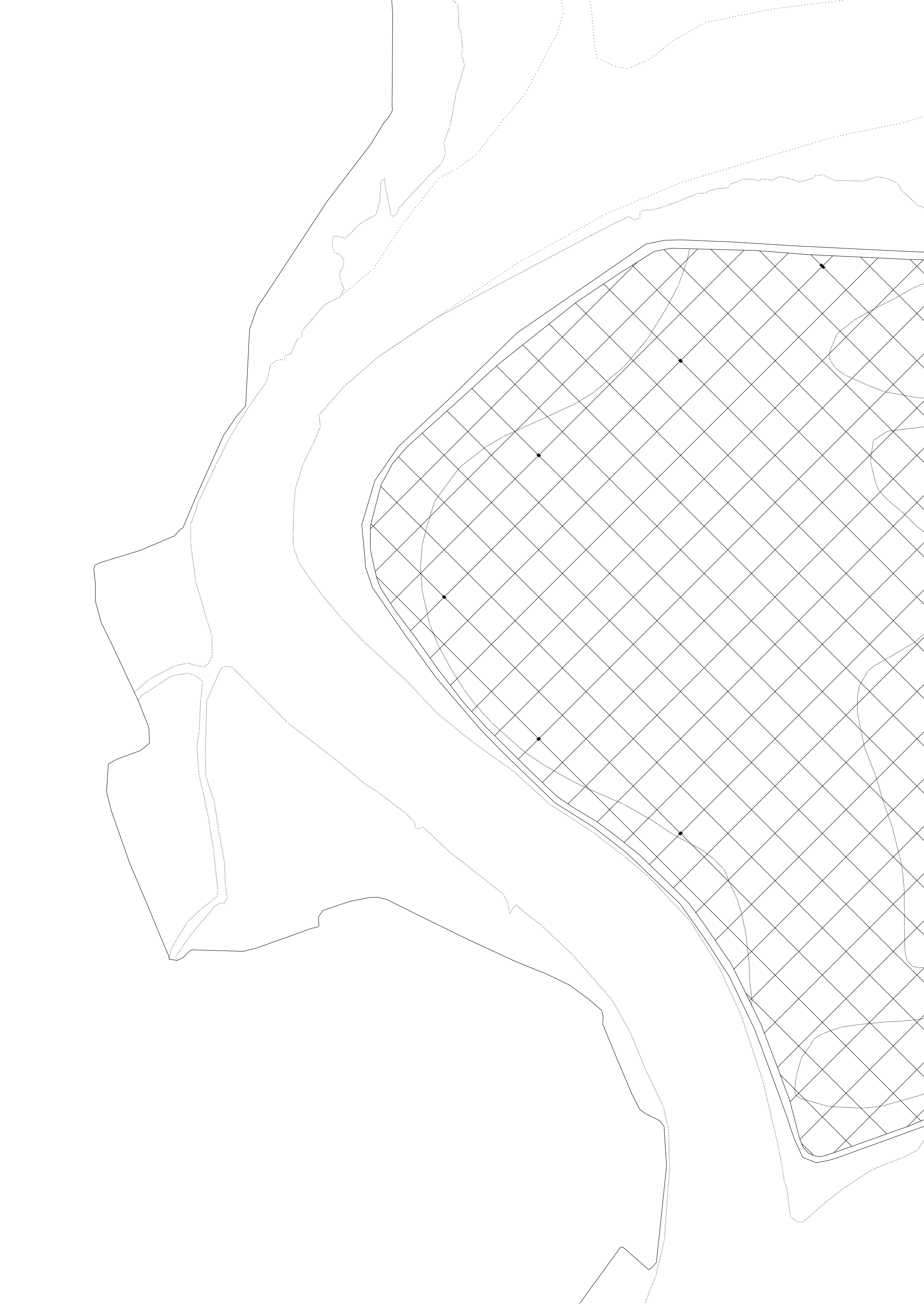
O modelo repetido da cela individual compreende uma zona de estadia ou de dormida e uma casa de banho. Estes dois espaços são iluminados apenas por um vão que, atravessando a zona de banho, permite que a zona de estadia também seja iluminada. Este vão está a uma altura de três metros, o que permite reforçar neste espaço a total perda de referências exteriores, potencializando o isolamento que gera o encontro com a individualidade e introspeção.

O espaço comunitário parte do mesmo modelo com a particularidade de ser aumentado o seu comprimento. Este espaço alberga uma zona de estadia e de refeições e uma cozinha comunitária. É um lugar dedicado à partilha e ao encontro. Propõem-se assim que seja criada uma ambivalência entre a vida isolada e a vida em comunidade.



fig. 34 Concrete Blokcs, Donald Judd, Texas













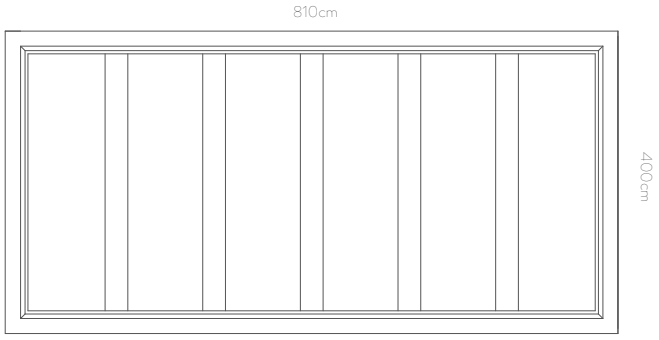
Processo construtivo

Para a construção dos espaços, pensou-se num método construtivo, que pela repetição de um único elemento, tornasse o processo numa prática própria do projecto e do lugar. Foi criada uma peça única com as dimensões de 810x400x400mm que, através da repetição, constrói chão, paredes e teto. Na configuração do edifício a peça torna-se um elemento referenciador de escala, por isso procurou-se encontrar uma medida que conferisse o carácter essencialista encontrado nas construções em pedra. Ou seja, pretende-se que a repetição deste módulo represente uma barreira física impenetrável que proteja o mundo "eremítico" do mundo "comunitário".
O ligeiro desnível visível no corte transversal facilita que seja colocada a argamassa de maneira a que sejam evidenciadas a juntas, com a finalidade de enaltecer o método construtivo. A secção da peça é quadrada, permitindo que a construção seja possível recorrendo à repetição de um só exemplar. Também é proposto que o fabrico desta seja realizado na ilha utilizando betão branco e inertes locais. O objectivo é conseguir criar espaços únicos, onde a textura do construído varia consoante a areia utilizada. Pretende-se, com o uso do betão branco, que os volumes sobressaiam na vegetação e que a entrada de luz predomine nos espaços interiores. O carácter unitário do material confere aos edifícios a simplicidade e o despojamento pretendidos, presentes também em alguns dos espaços analisados como o Mosteiro de Duruelo e o Convento da Cartuxa.

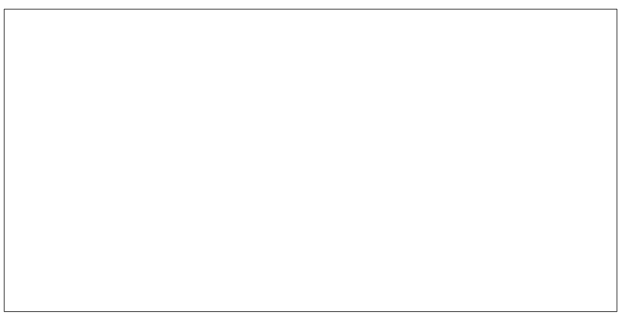


fig. 35 previsão do comportamento da ilha com implantação do projecto
fig. 36 implantação
fig. 37 imagem de conjunto
fig. 38 materialidade pretendida (betão branco mais inertes do lugar)
fig. 39 construção de tijolos de betão 1935, Kansas

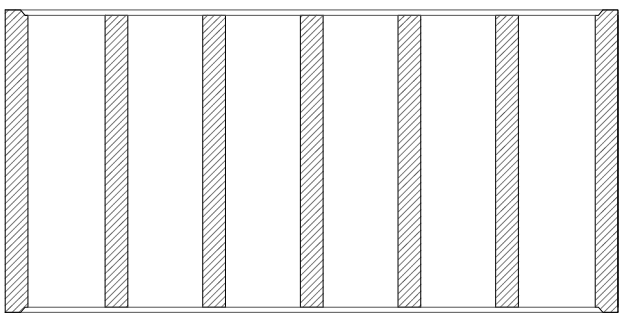




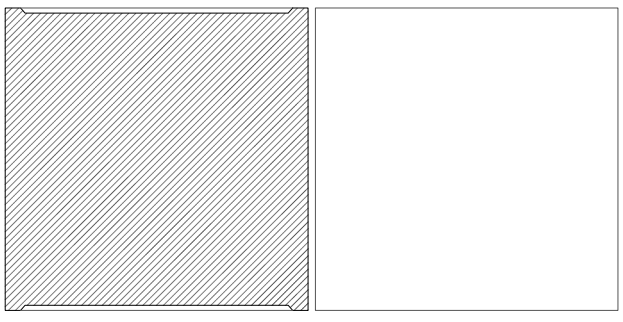
PLANTA



ALÇADO



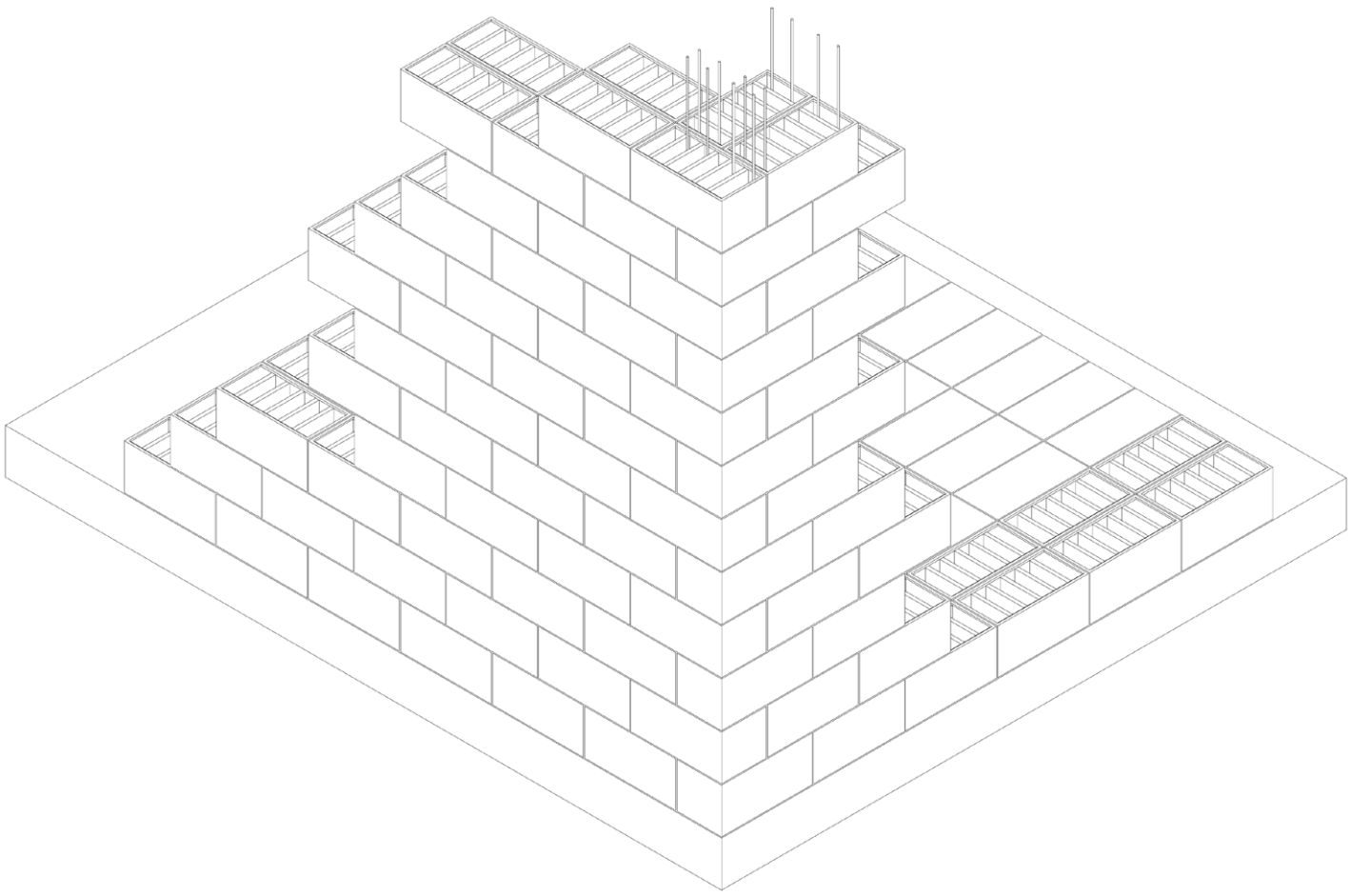
CORTE LONGITUDINAL



CORTE TRANSVERSAL, ALÇADO

fig. 40 peça modelar desenvolvida 1:10

fig. 41 axonometria do método construtivo



Gerar espaço

No interior das peças existem seis vazios que permitem a passagem da estrutura de aço. Do mesmo modo que as paredes são armadas em altura, também a cobertura e os lintéis dos vãos são suportados com aço de modo que, através da repetição e rotação da peça, se consiga construir todos os elementos necessários. Ao longo do processo criativo o método construtivo foi influenciando, cada vez mais, o modo como foram definidos os espaços. A adição, a subtração e a rotação da peça tornam-se em acções geradoras de espaço.

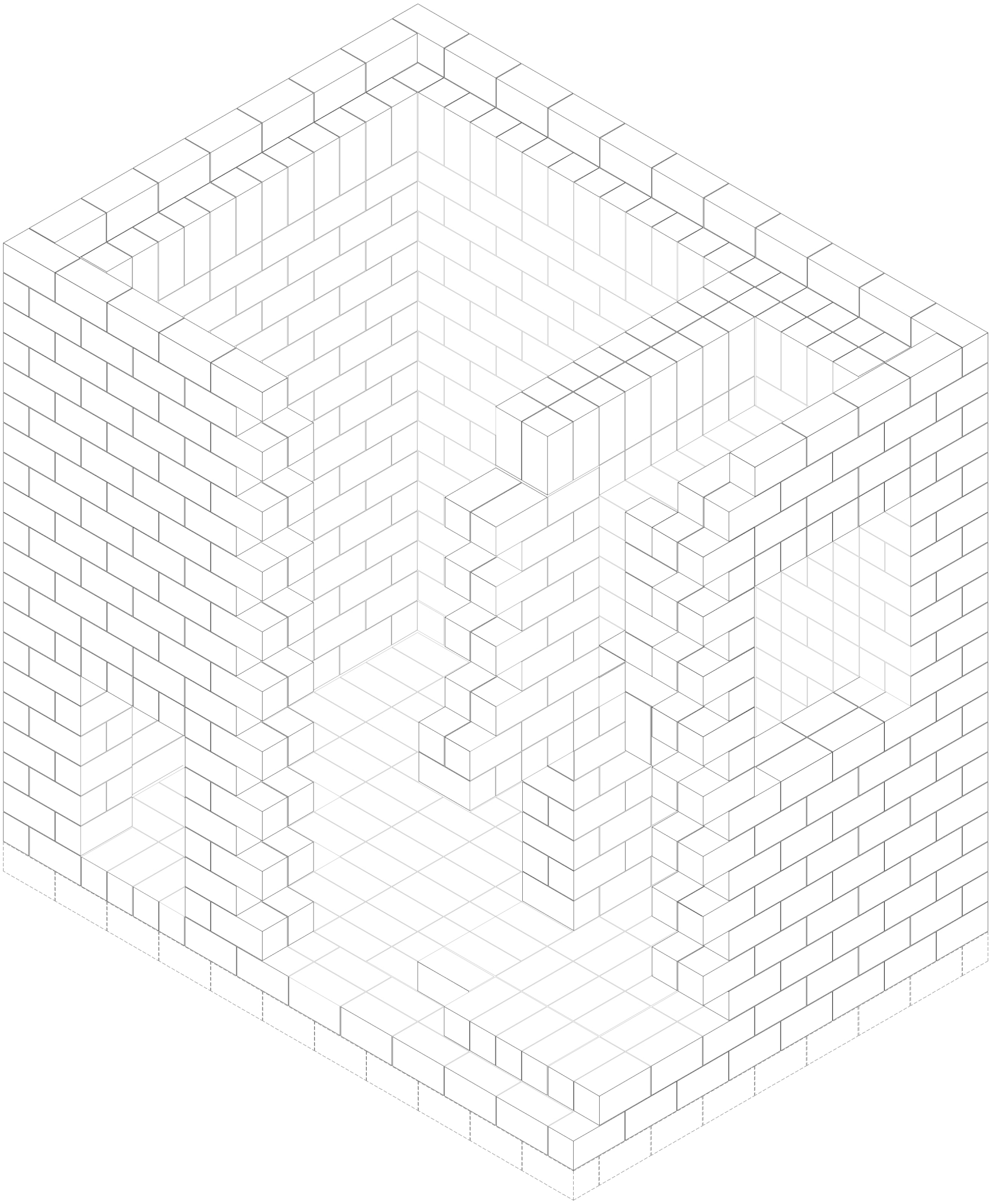
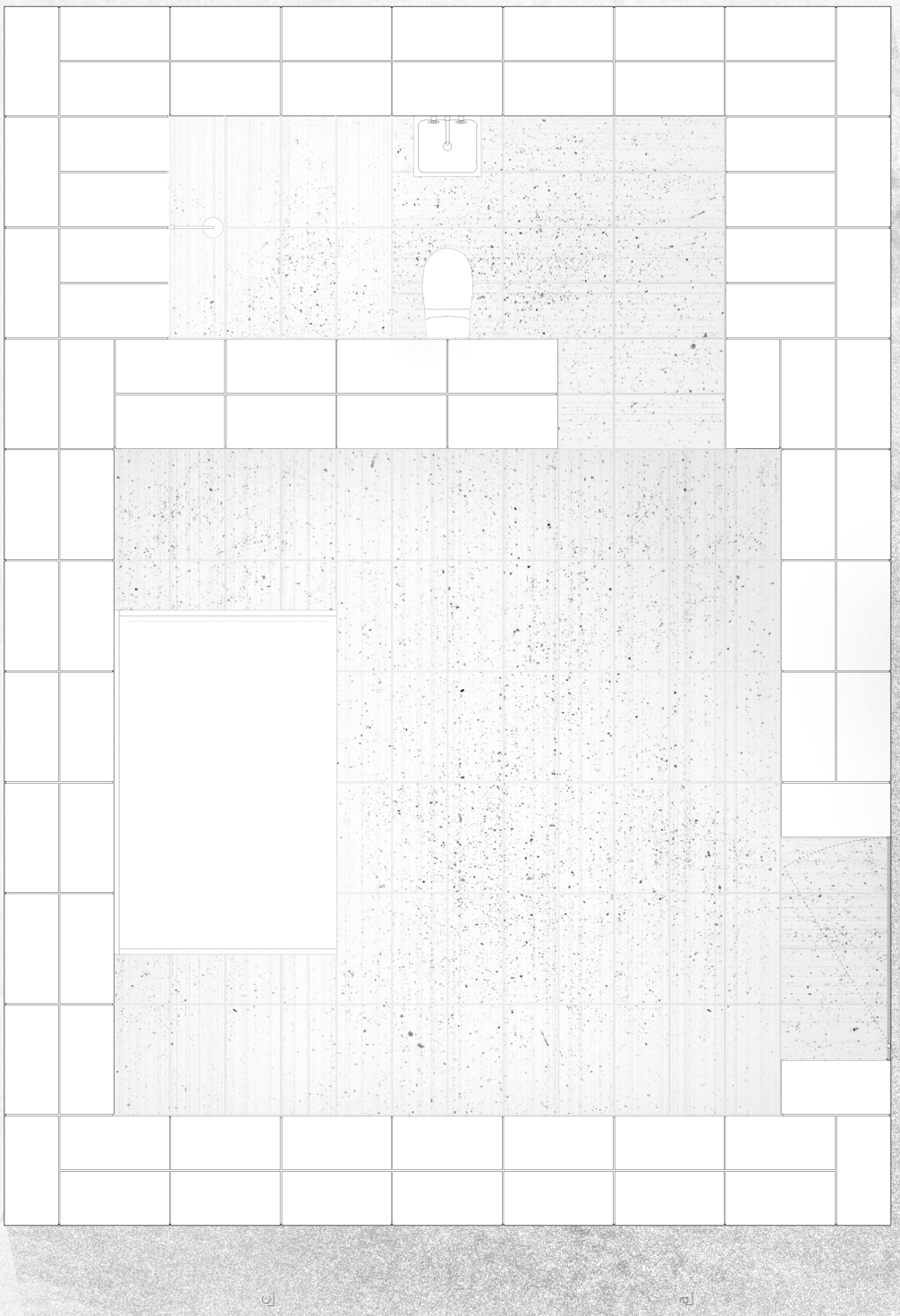
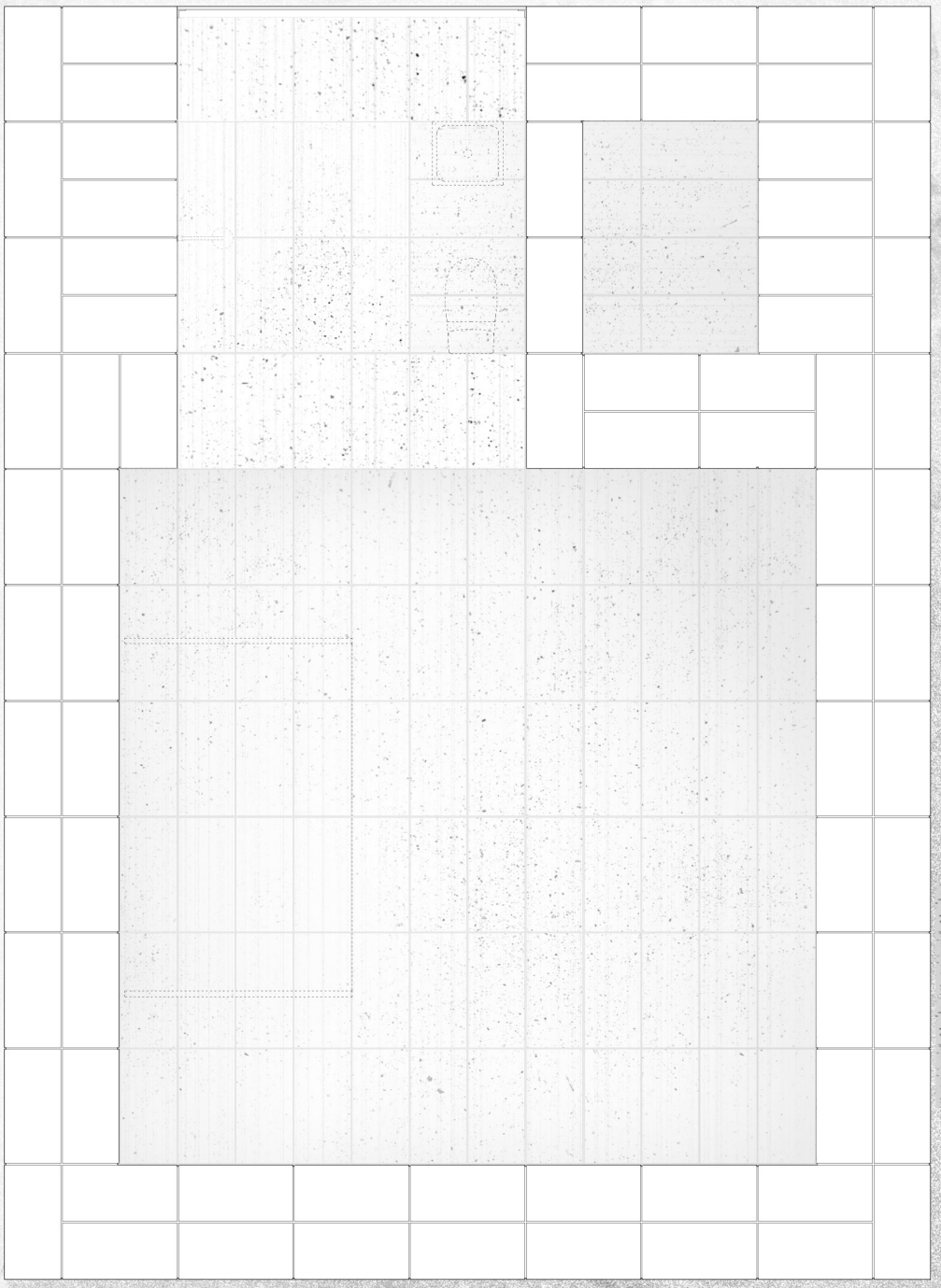


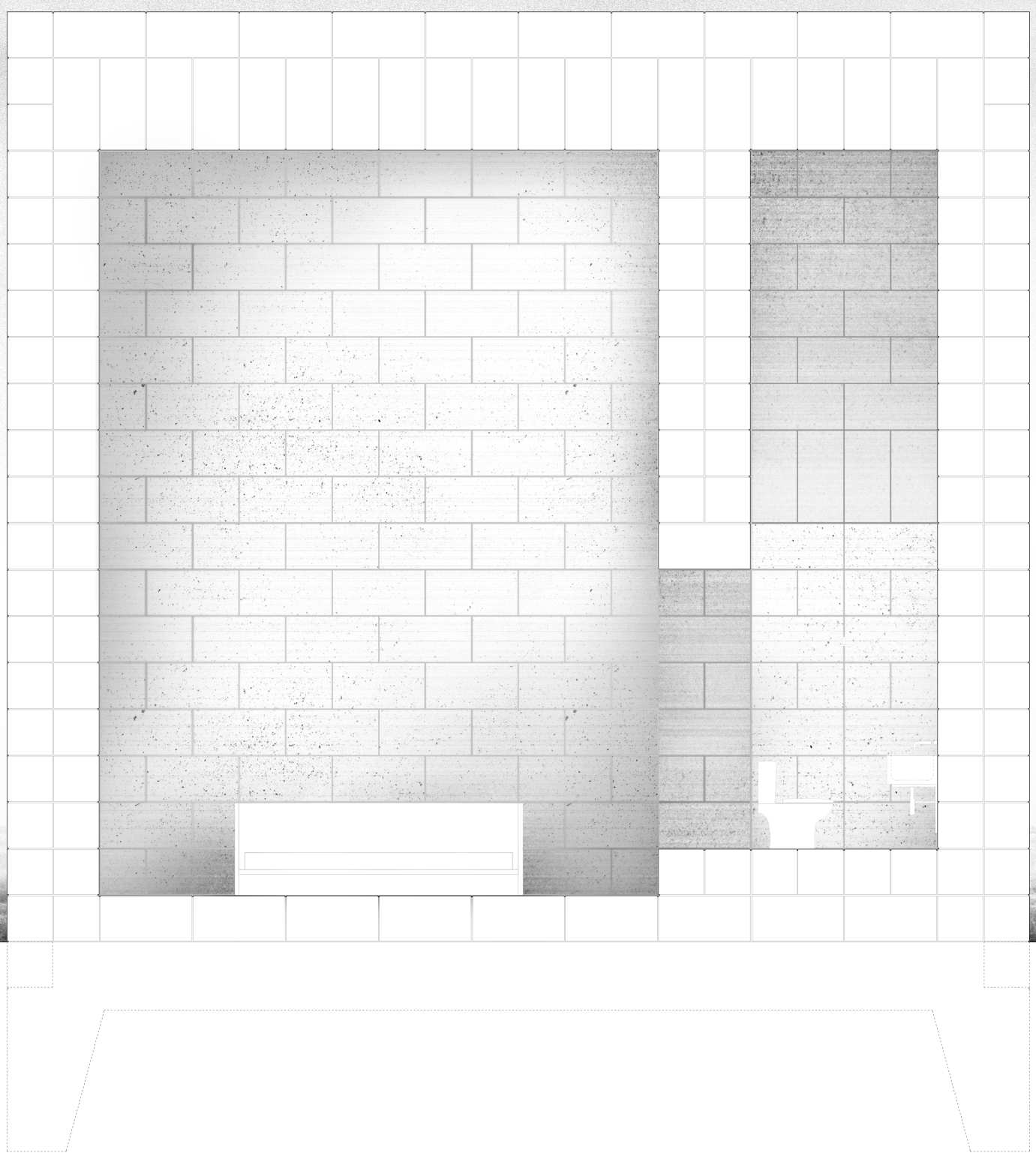
fig. 40 axonometria da cela individual

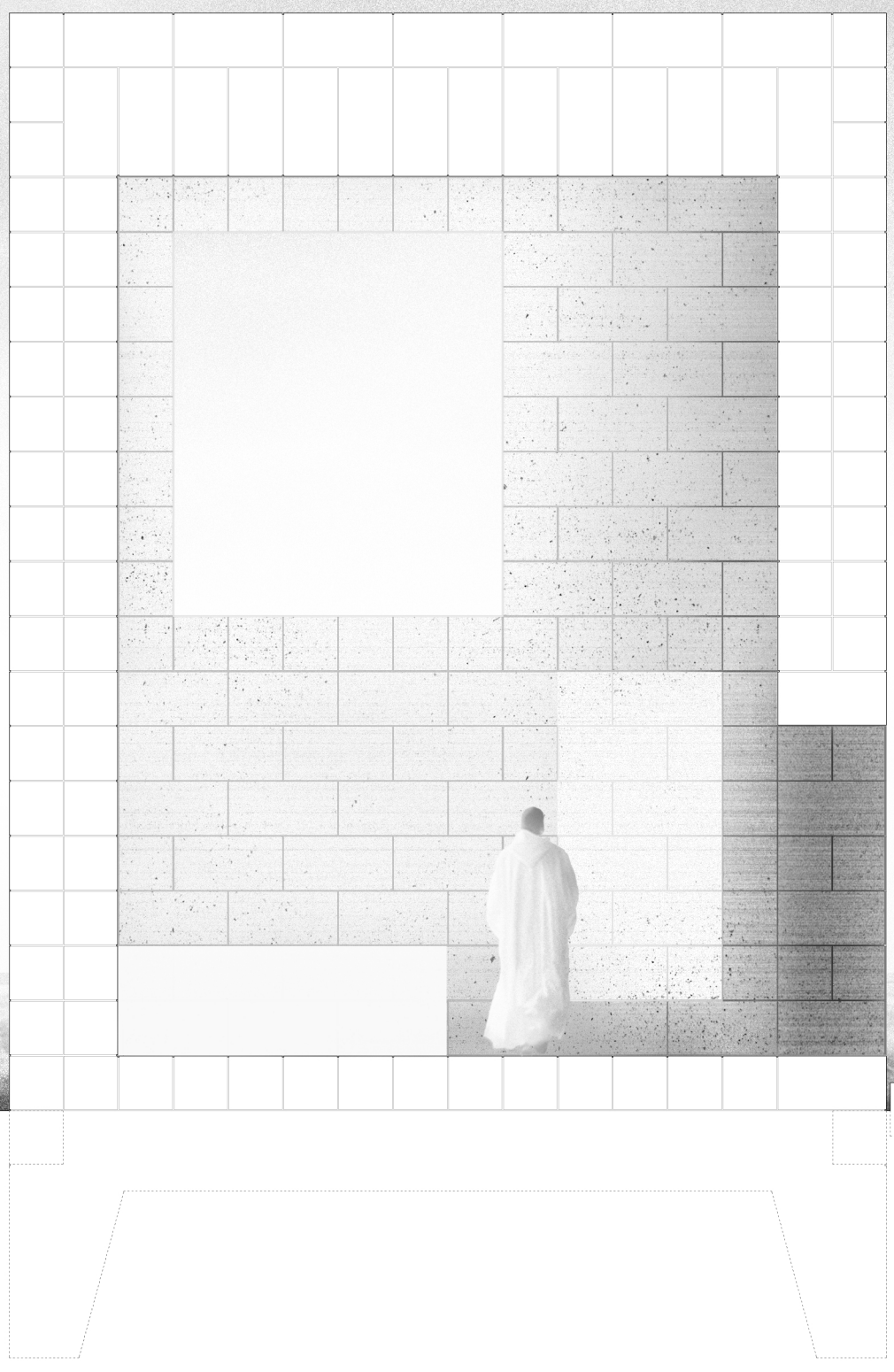
CELA INDIVIDUAL
PLANTA ‘1,50m 1:50



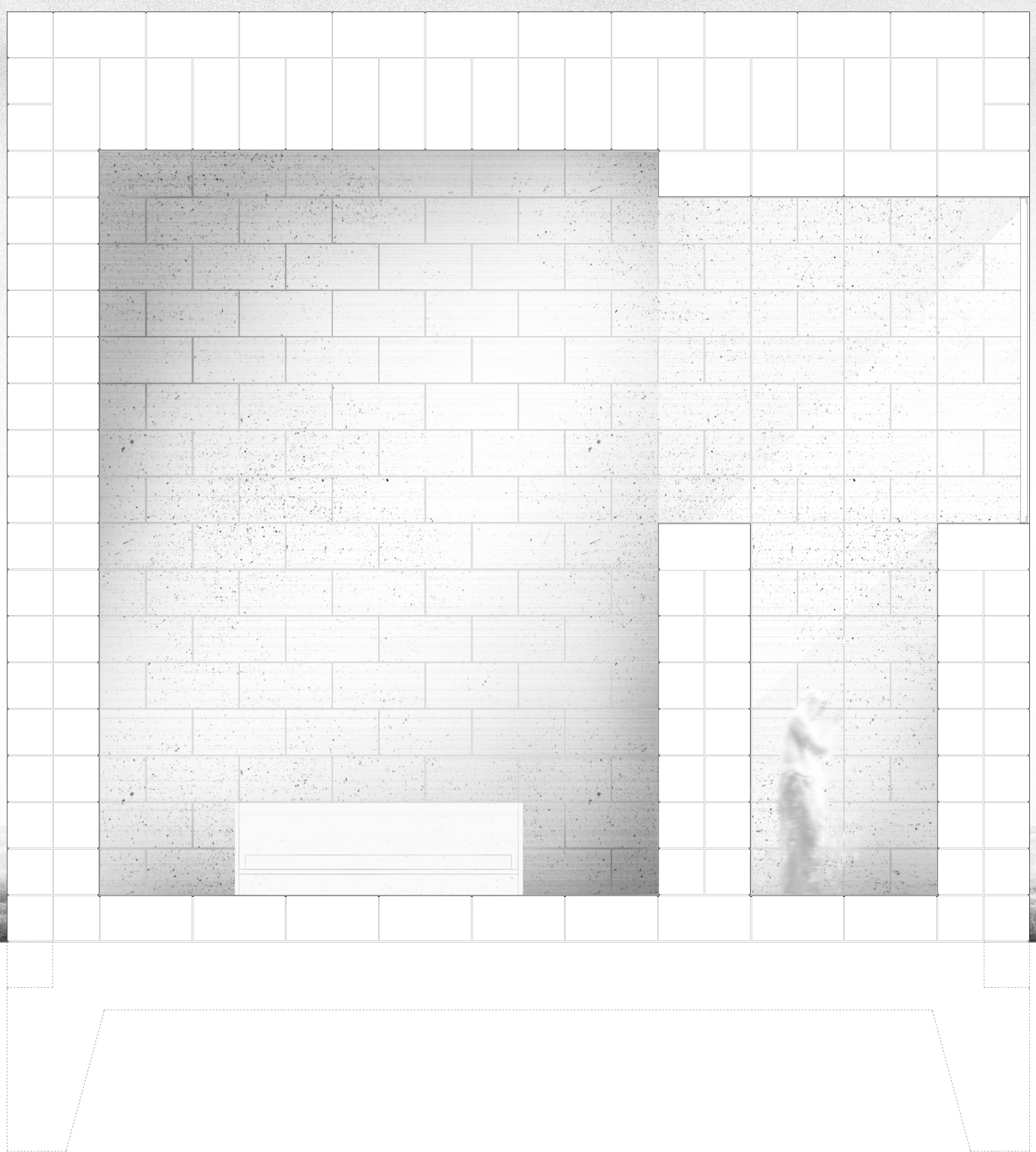
CELA INDIVIDUAL
PLANTA ‘4,50m 1:50

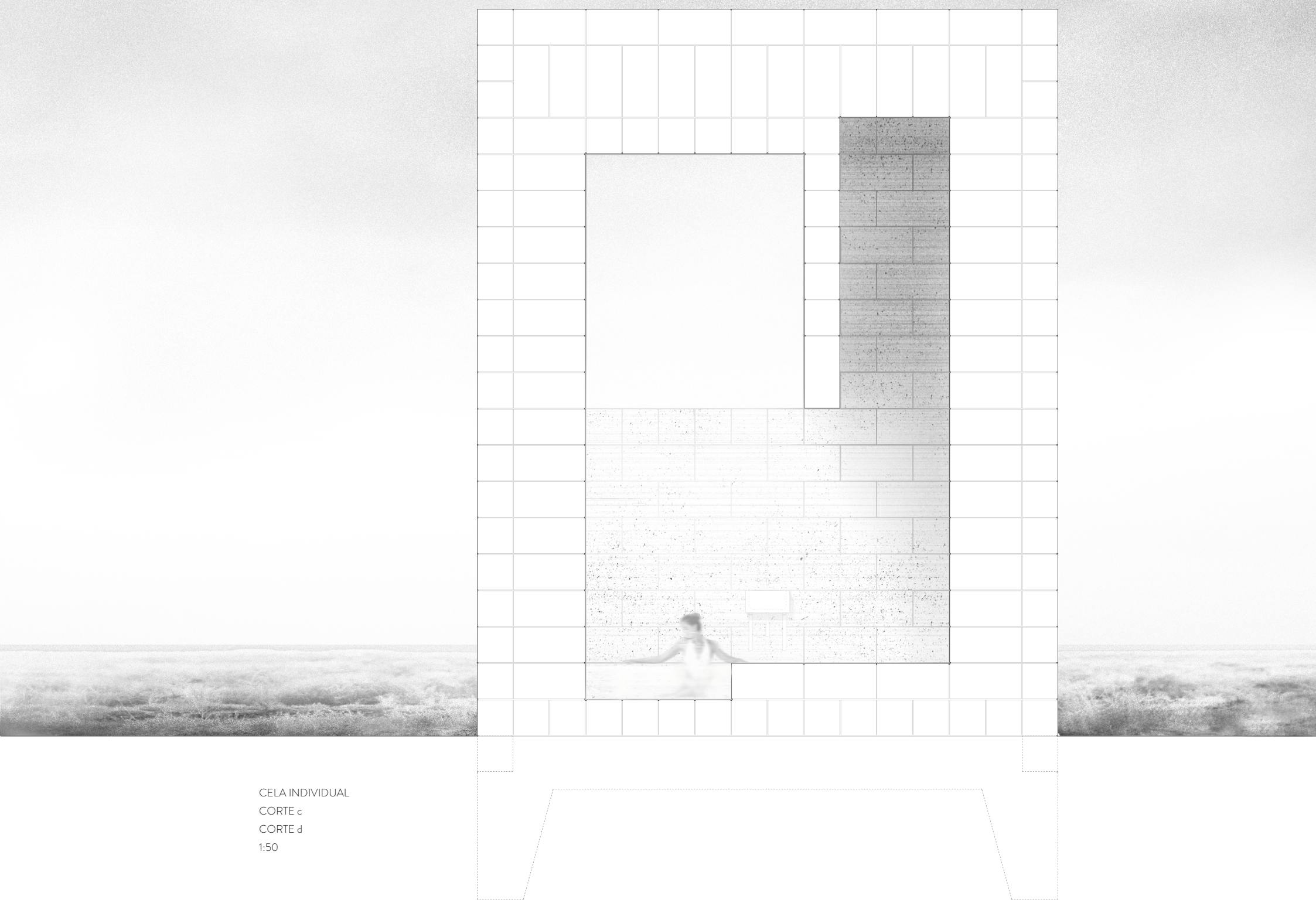






CELA INDIVIDUAL
CORTE a
CORTE b
1:50





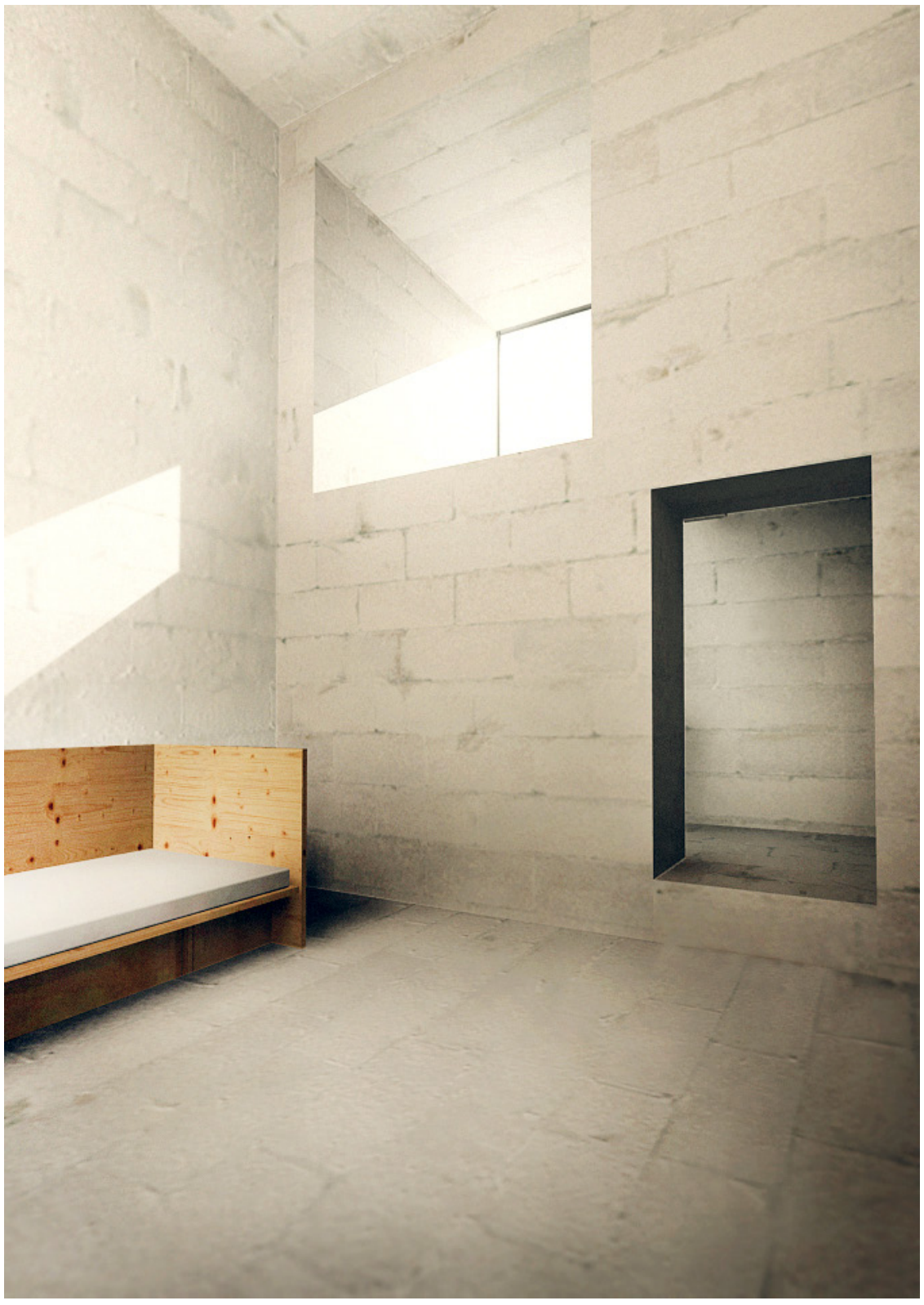
CELA INDIVIDUAL
CORTE c
CORTE d
1:50

O espaço individual

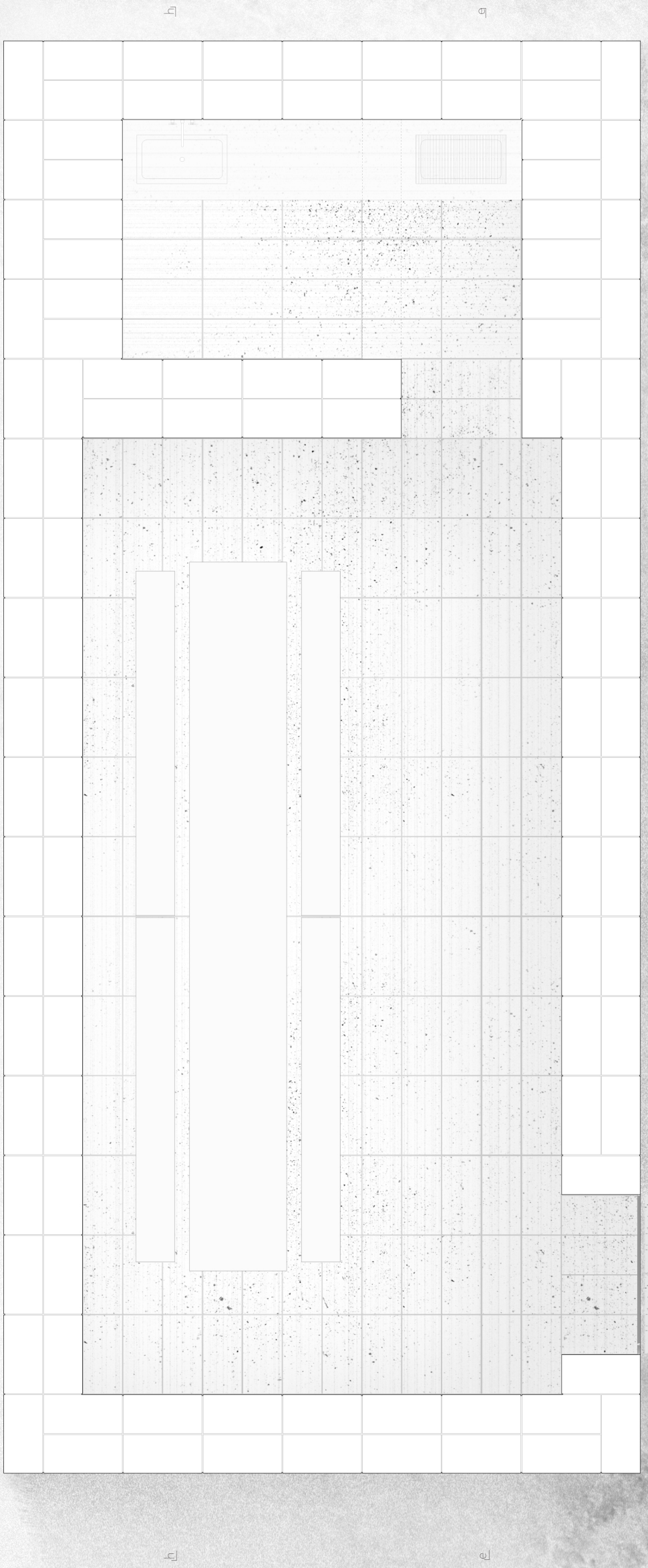
"É no isolamento, afastado do mundo do dia a dia, através da solidão, do silêncio, da disponibilidade e da profunda reflexão, que as condições da existência do homem são consciencializadas. Pode, assim, afirmar-se que o isolamento é uma condição intrínseca ao homem e, que para além disso, é um instrumento estruturador do autoconhecimento e da busca e encontro de respostas existenciais, sejam elas de origem religiosa ou não."[38]

O espaço individual é o lugar onde o homem se fecha ao mundo e encontra o silêncio. As paredes que o envolvem contribuem para que o corpo seja o protagonista e a ausência de referências concentra todo o mundo num só espaço. A luz que entra vem do desconhecido, apenas indica o dia e a noite. As referências são o próprio corpo e a peça que constrói o chão as paredes e o teto. As paredes de 80cm de largura e a pesada porta de aço que é atravessada, além do isolamento, oferecem proteção e o conforto necessários para a introspeção.
A cama, inspirada no mobiliário do Donald Judd, está colocada no centro do espaço principal. O estrado é envolvido por espessas tábuas de madeira que reforçam o isolamento e a proteção.

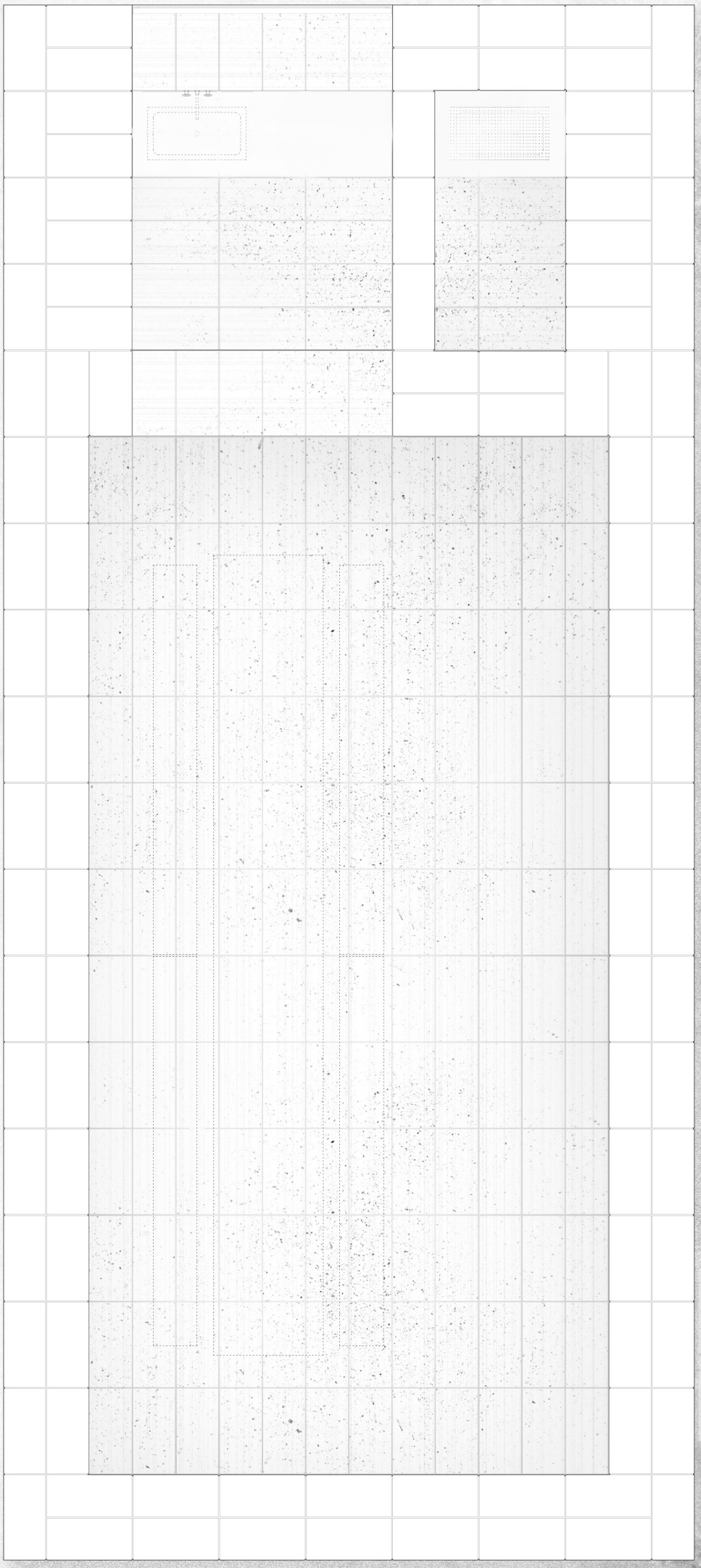
38 Primeiro Capítulo: O Isolamento
fig. 41 imagem do espaço interior

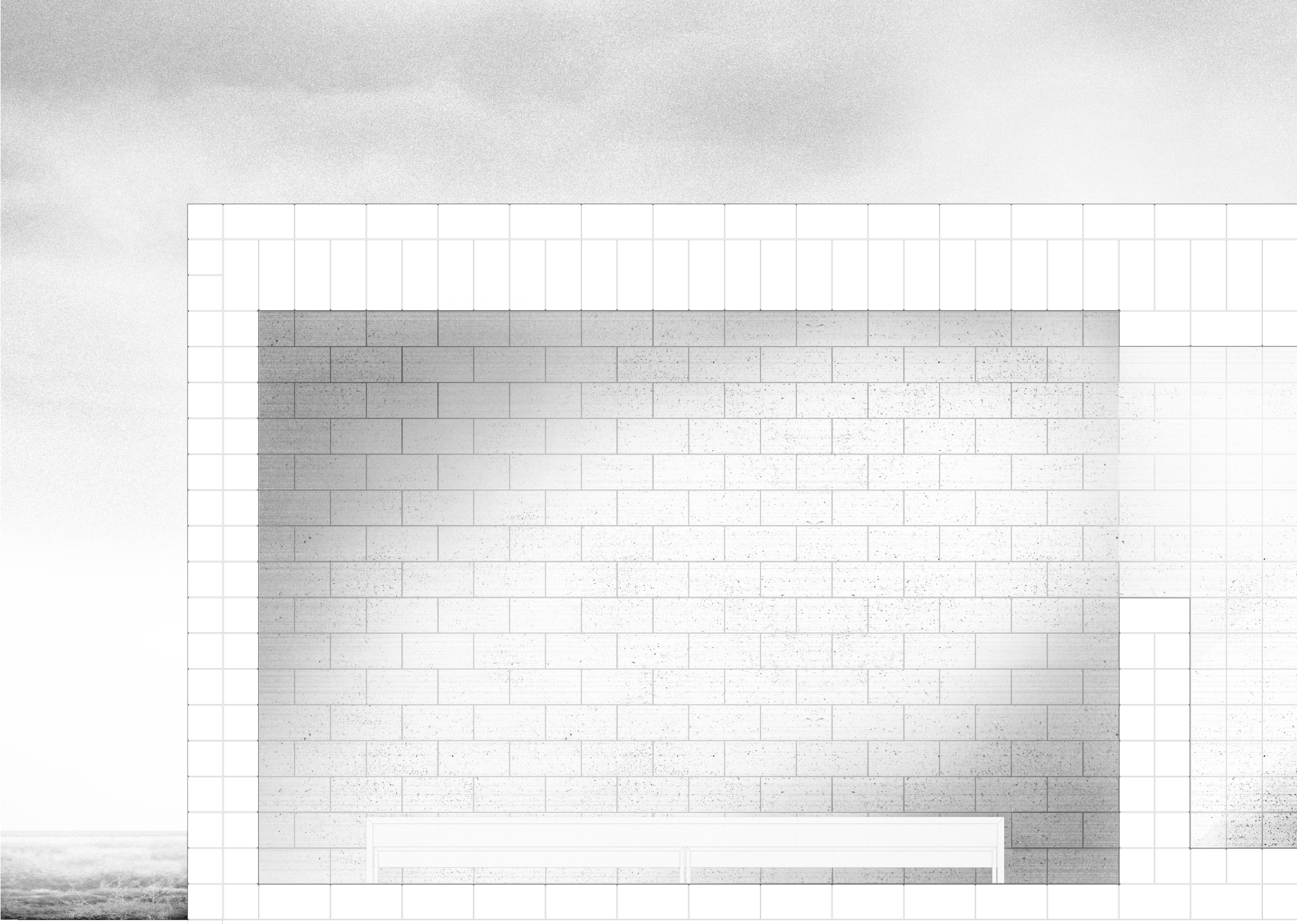


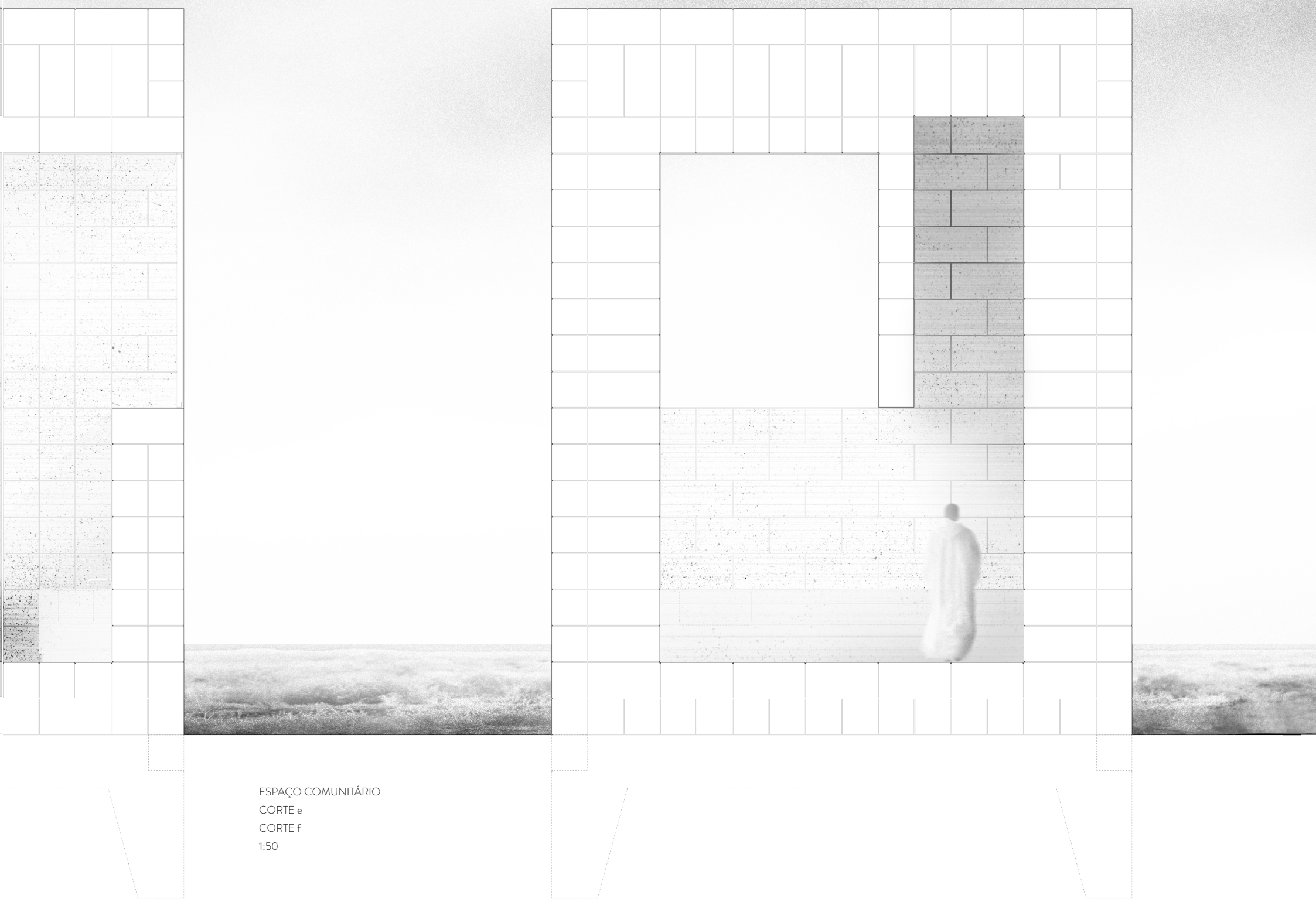
ESPAÇO COMUNITÁRIO
PLANTA ’1,50m 1:50



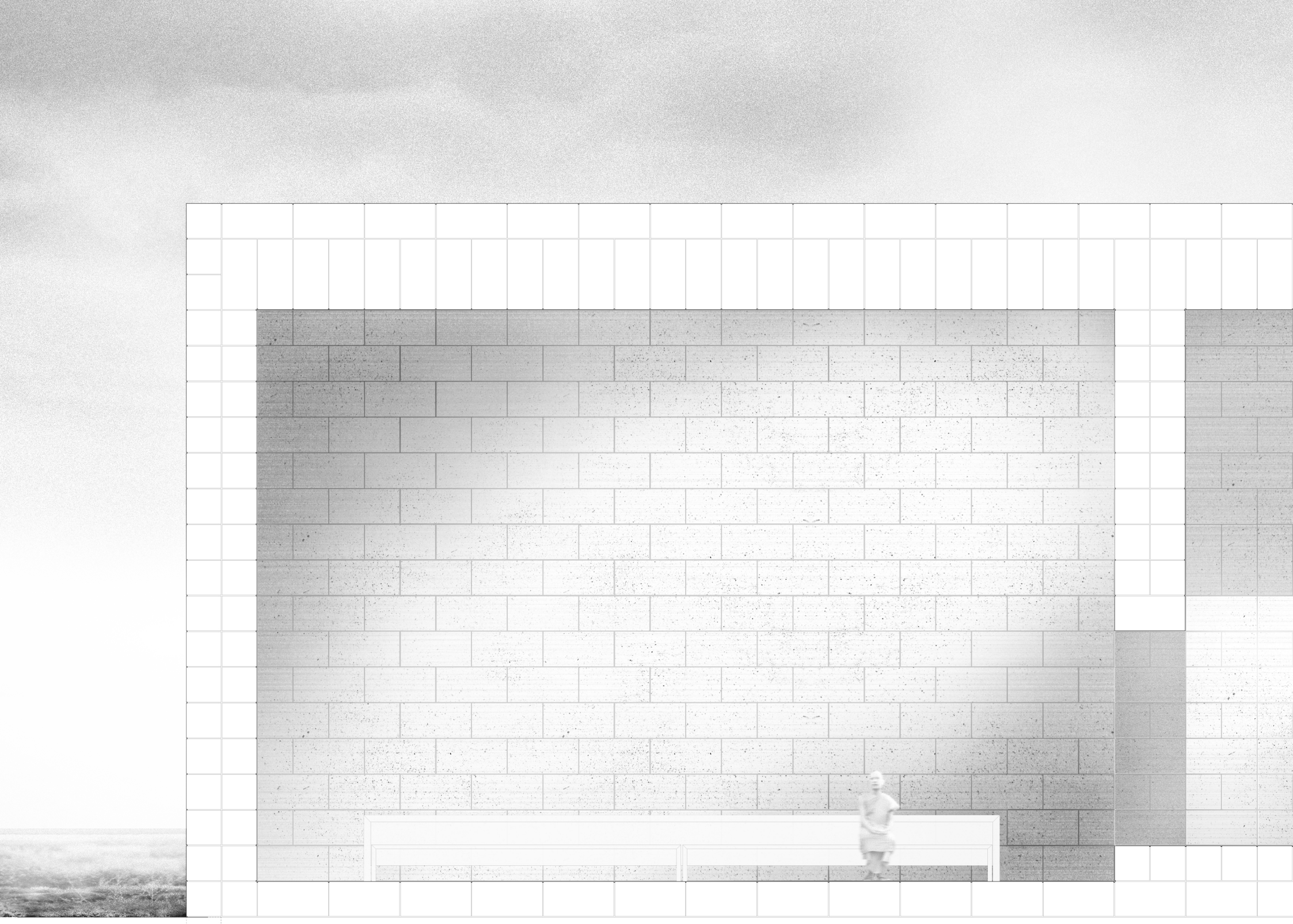
ESPAÇO COMUNITÁRIO
PLANTA ‘4,50m 1:50

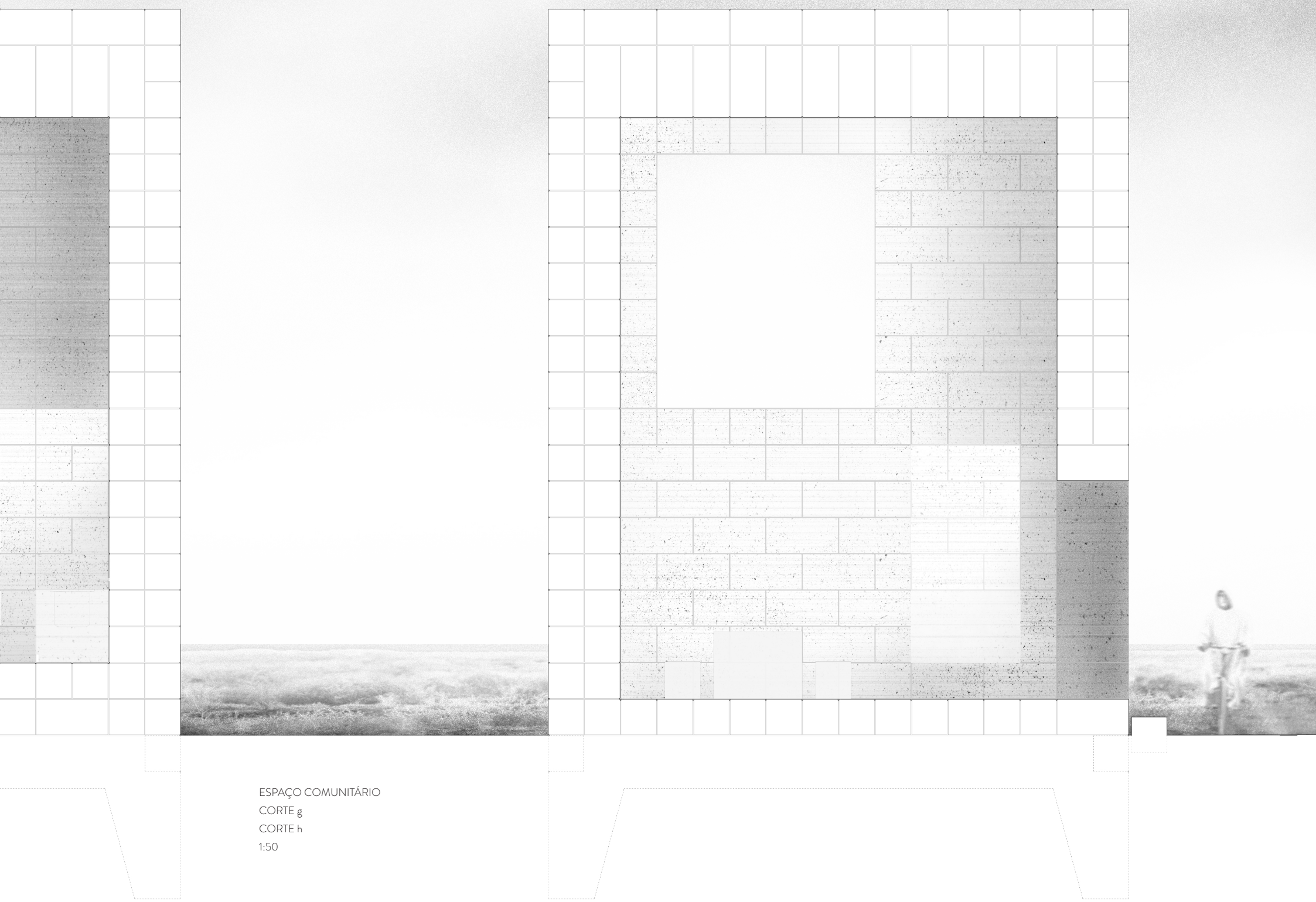






ESPAÇO COMUNITÁRIO
CORTE e
CORTE f
1:50





ESPAÇO COMUNITÁRIO
CORTE g
CORTE h
1:50

O Espaço Comunitário

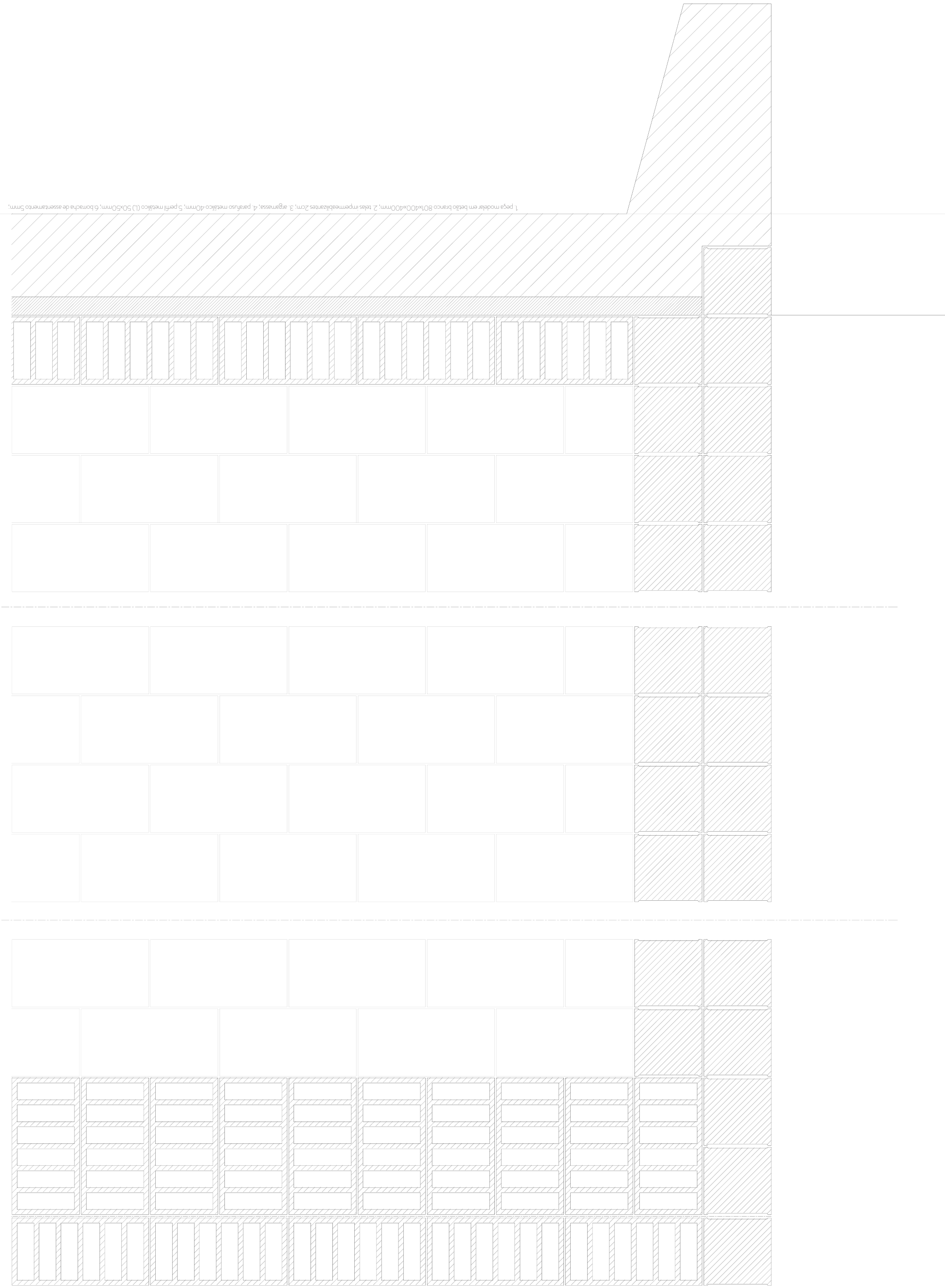
"Ora, se qualquer estabelecimento social pode ser considerado como um lugar onde sistematicamente surgem suposições acerca do eu, podemos ir adiante e considerar que é um local onde tais suposições são sistematicamente enfrentadas pelo participante. Adiantar-se nas atividades prescritas, ou delas participar segundo formas não-prescritas ou por objetivos não-prescritos, é afastar-se do eu oficial e do mundo oficialmente disponível para ele. Prescrever uma atividade é prescrever um mundo; eludir uma prescrição pode ser eludir uma identidade".[39]

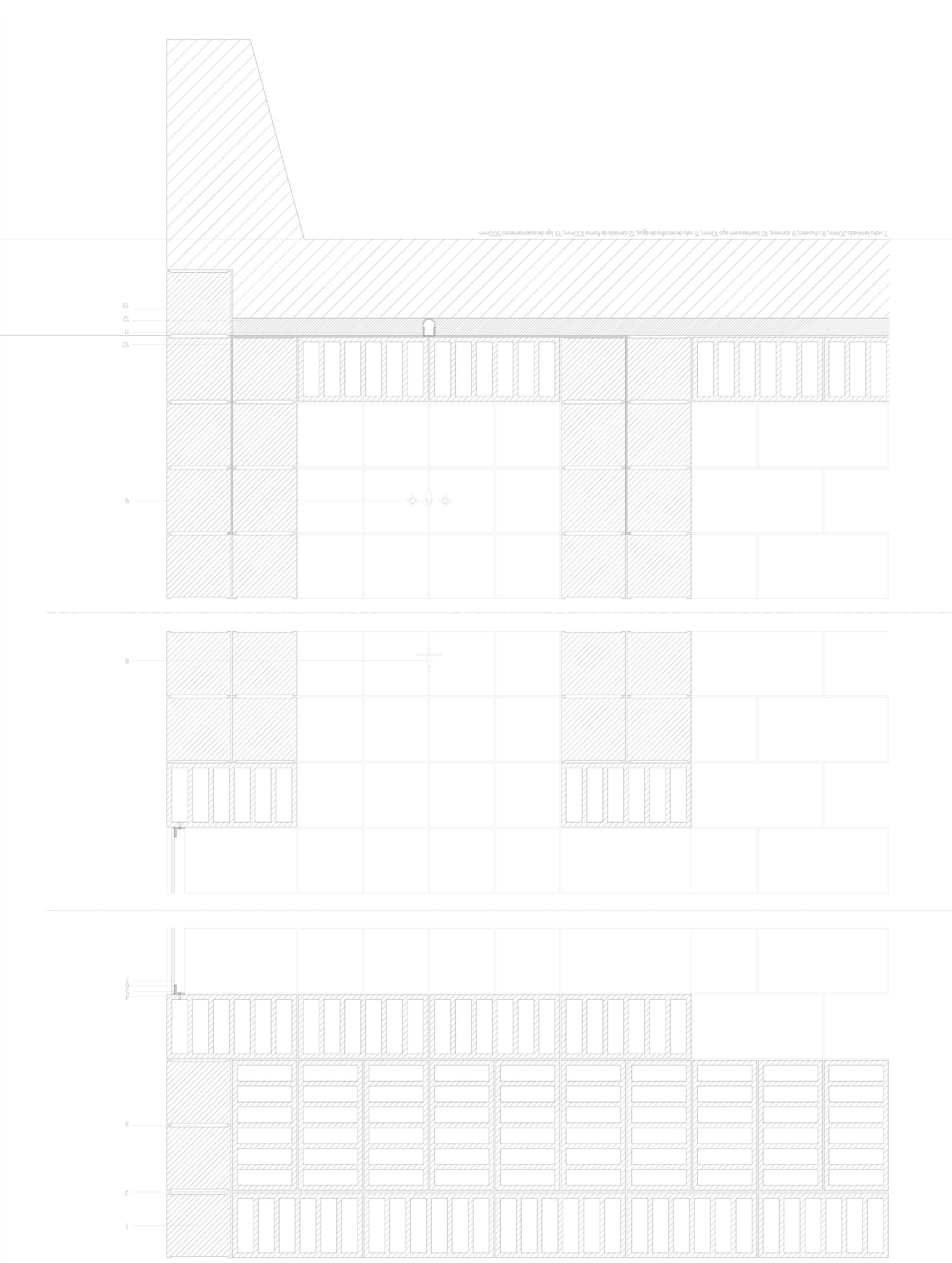
O espaço comunitário é o lugar que permite que as rotinas e as "actividades prescritas" se concretizem e haja espaço para o encontro e para partilha. Além da definição de Goffman que comprova a importância das rotinas nas comunidades entre muros, este espaço também surgui depois do olhar realizado sobre alguns locais de isolamento onde a vida comunitária surge nos espaços de refeição.
No Convento da Cartuxa de Évora, os monges eremitas encontram-se todos os domingos no refeitório, onde o silêncio é quebrado.
A configuração do espaço comunitário parte do modelo da cela individual, estando dividido em duas zonas distintas: sala de refeições e cozinha. A simplicidade dos materiais confere um carácter austero ao edifício e a mesa de madeira colocada ao longo da sala principal permite que se aqui reúnam os todos ocupantes de ilha. A cozinha comunitária permite que a prática de cozinhar faça parte da rotina pretendida.

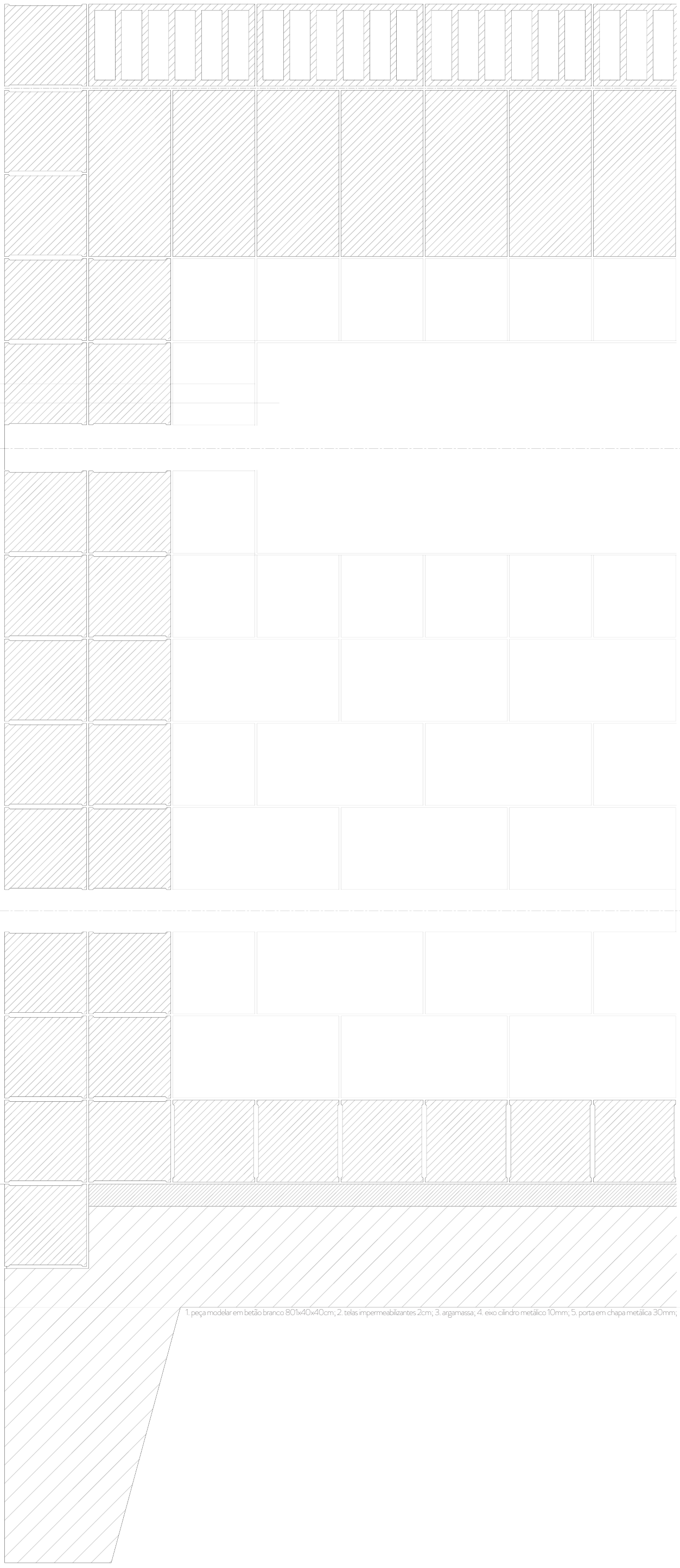
39 GOFFMAN, Erving 2001
fig. 42 imagem do espaço interior



1. pega modelar em betão branco 80%x400x400mm; 2. telas impermeabilizantes 2cm; 3. argamassa; 4. parafuso metálico 40mm; 5. perfil metálico (L) 50x50mm; 6. borracha de assentamento 5mm;

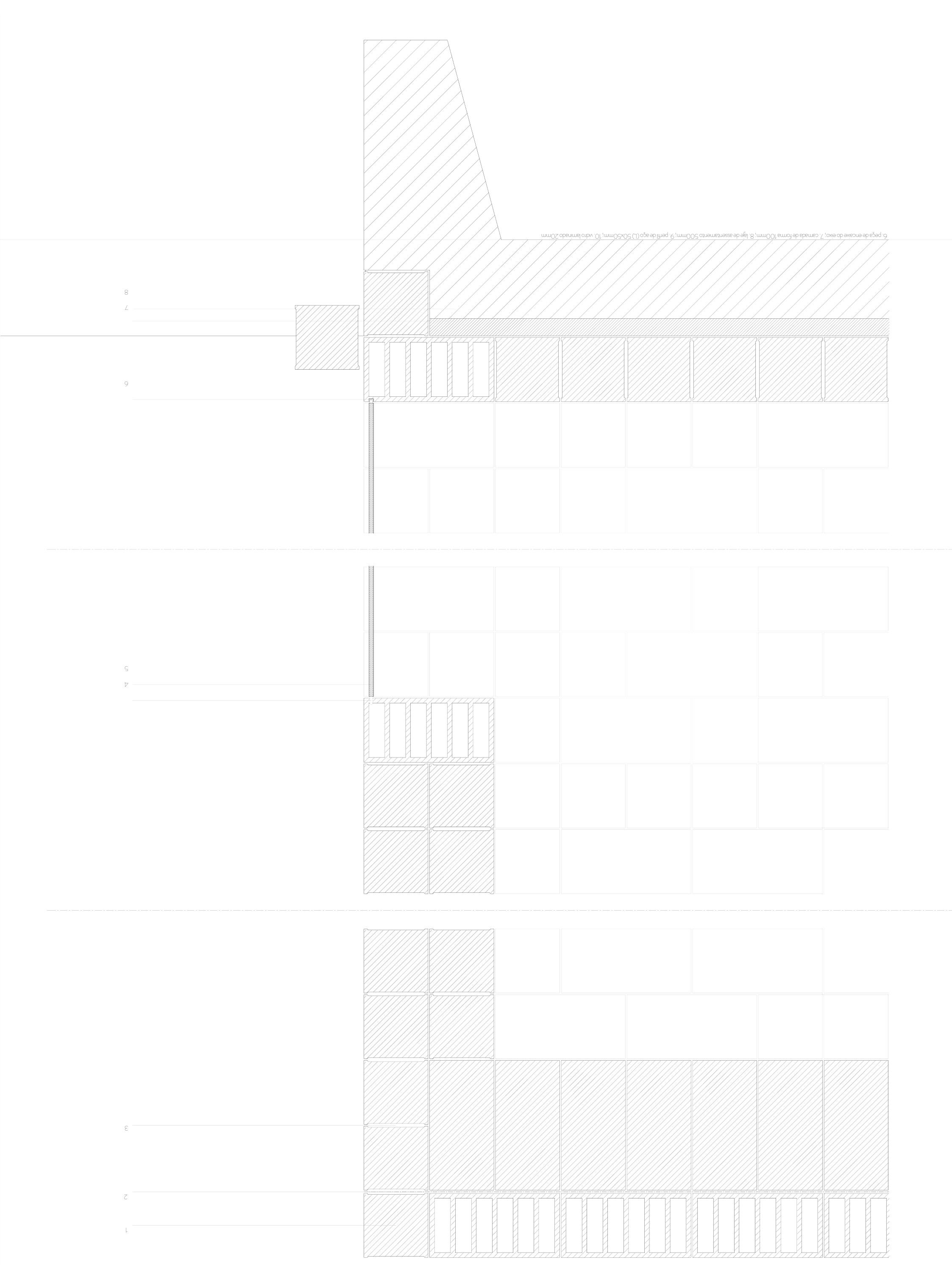



7. vidro laminado 20mm; 8. chuveiro; 9. torneira; 10. banheira em aço 10mm; 11. ralo de recolha de água; 12. camada de forma 100mm; 13. laje de assentamento 500mm
13
12
11
10
6
8
7
5
4
3
2
1



1. peça modelar em betão branco 801x40x40cm; 2. telas impermeabilizantes 2cm; 3. argamassa; 4. eixo cilindro metálico 10mm; 5. porta em chapa metálica 30mm;

DETALHES CONSTRUTIVOS
1:20


6. peça de encaixe do eixo; 7. camada de forma 100mm; 8. laje de assentamento 500mm; 9. perfil de aço (L) 50x50mm; 10. vidro laminado 20mm
8
7
6
5
4
3
2
1





BIBLIOGRAFIA

A. MARKUS, Thomas. The Words Between the Spaces: Buildings and Language. Routledge. 2002

ALBUQUERQUE FREIRE, Vítor. Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda. Livros Horizonte. 2009.

ANDRESEN, Teresa; MARQUES Teresa Portela. A cerca: uma paisagem entre o sagrado e o profano. In:. Monumentos, nº20: Conjunto Monumental da Mata do Buçaco. Março 2004.

ARRUDA, Luída; COELHO, Teresa de Campos. Convento de S.Paulo de Serra de Ossa. Lisboa : Inapa, D.L. 04

BETHAN, Jeremy. Panopticon: Or the Inspection House (1791). Kessinger Publishing. Setembro 2010.

BORGES, Célia Maia - Os eremitas e o ideal de santidade no imaginário português: o deserto dos Carmelitas Descalços no séc. XVII. Lusitania Sacra. Lisboa. ISSN 0076-1508. 2ª S. 23 (Jan. - Jun. 2011) 189-206. 2011

BOTTON, Alain. Religião para Ateus - Um guia para não crentes sobre as utilizações da religião. Dom Quixote. Maio 2012.

CARAPINHA, Aurora. Desertum, Claustrum e Hortus: os horizontes do jardim cartusiano. In Monumentos n. 10. março de 1999

DEPLAZES, Andrea. Constructing Architecture, Material Processes Structures. Birkhauser – Publishers for Architecture. Basel 2005

FERRO, Sérgio; KEBBAL, Chérif; POTIE, Philippe; SIMONNET, Cyrille. Le Counvent de la Tourette. Parenthéses. 1987

FONTES, João Luís. Eremitismo: Os espaços da solidão, Pedra & Cal. In:. Revista da Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado nº 38, imp. Abril. Maio. Junho 2008.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Editora Prespectiva S.A. Ed.8. 2008.

HEIDRGGER, M. Being and Time. New York: State University of NY Press. 1996

HENRIQUES, Gabriel. O isolamento existencial e a psicopatologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 2010

JESUS, Santa Teresa. Livro da vida. Editora Paulus.1997

LAFARGA, Antonio José, ORDAX, Salvador Andrés. Duas Formulações arquitectónicas da ordem dos cartuxos, em Espanha. In Monumentos n.10 Março 1999.

LE CORBUSIER. Por uma Arquitectura. Trad. Ubirajara Rebouças, São Paulo: Colecção estudos da Editora Perspectiva, 2004, 207p. Tit. Org.: Vers une architecture. ISBN 85-273-0142-3

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zaratustra, Livro para todos e para ninguém. Vozes 2008

PAWSON, john. Monastery of Novy Dvur, 2003. In: http://www.pouke.org/verujem/index.php?topic=11431.0 [Consult. 05 Ag. 2013].

PAYNE, Cristopher; SACKS, Oliver. Asylum: Inside the Closed World of State Mental Hospitals. The MIT Press; ed:1. Setembro 2009.

PEREIRA, Paulo; BENITO Paula. Convento da Arrábida - A Porta do Céu. Fundação do Oriente. 2006.

SACRAMENTO, Frei João do. Crónica dos Carmelitas Descalços particular da Provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal e suas Conquistas. Lisboa: Na oficina Ferreyrenciana, 1721.

SANTOS, Álvaro M. Caracterização da Mata Nacional do Buçaco. Andia: ed. Autor,1993

SILVA, Olga Moreira da. Cadeia Penitenciária de Lisboa. In:. Monumentos nº7. Setembro 1997.

SILVANO, Filomena. Antropologia do Espaço. Assírio & Alvim. Outubro 2010.

SPENS, Iona. Architecture of incarceration. London: Academy 1994.

Sullivan, Louis H. The tall office building artistically considered. Lippincott's Magazine. Março 1896.

VARELA GOMES, Paulo. O Deserto Carmelita do Buçaco. In: Monumentos : revista semestral de edifícios e monumentos nacionais. - ISSN 0872-8747. - Nº 20 (Mar. 2004). - p. 37-49. Editora XM: Coimbra. 2005

WAYNE, Peter

YALOM, Irvin. Existential psychotherapy. New York: Basic Books. Dezembro 1980

ÍNDICE DE IMAGENS

13 **fig. 1** fotografia do autor

17 **fig. 2** fotografia do autor

18 **fig. 3** autor desconhecido, em http://lisboasos.blogspot.pt/2011/03/so-pedimos-uma-coisa-vao-visitar.html

19 **fig.4** fotografia do autor

20 **fig.5** fotografia do autor

20 **fig.6** fotografia do autor

21 **fig.7** fotografia do autor

24 **fig.8** autor desconhecido em, http://aparteoutsider.org/wp-content/uploads/2012/07/X-26.jpg

25 **fig.9** autor desconhecido em, http://www.redeconhecimentojustica.mj.pt/GetImage.aspx?GeneralImage=313

27 **fig.10** autor desconhecido em, http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7009

28 **fig.11** fotografia do autor

30 **fig.12** autor desconhecido em, LBUQUERQUE FREIRE, Vítor. Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda. Livros

31 **fig.13** fotografia do autor

32 **fig.14** autor desconhecido, http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7815

33 **fig.15** autor desconhecido, em http://citizengrave.blogspot.pt/2013_03_01_archive.html

35 **fig.16** autor desconhecido em, http://1.bp.blogspot.com/-NrmThX2KP3g/Ty1CMEn5lDI/AAAAAAAAG5Y/KtAPfTeNbEo/s640/Lisbonne+interieur+de+la+prison+modele.jpg

36 **fig.17** autor desconhecido em, http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4670

37 **fig.18** RALHA, Francisco em, http://olhares.sapo.pt/lazareto-foto1259662.html

39 **fig.19** fotografia do autor

40 **fig.20** fotografia do autor

41 **fig.21** autor desconhecido, em http://www.archidose.org/Blog/novydvur8.jpg

44 **fig.22** autor desconhecido em, http://4.bp.blogspot.com/-3D_3DsdHtWo/UacIqr8i25I/AAAAAAAADFI/tBOiE_QfP4c/s1600/Duruelo-007-I.+Natividad.JPG

45 **fig.23** autor desconhecido, em http://weblog.aventar.eu/setubalarqblog2.weblog.com.pt/arquivo/conventofog35634616_.jpg

49 **fig. 24** autor desconhecido em, ANDRESEN, Teresa; MARQUES Teresa Portela. A cerca: uma paisagem entre o sagrado e o profano. In:. Monumentos, nº20: Conjunto Monumental da Mata do Buçaco. Março 2004

50 **fig.25** autor desconhecido em, http://fotos.sapo.pt/josephlist/fotos/?uid=0rfVMNYPoBkbUkeTvRa6#grande

53 **fig.26** autor desconhecido em, http://media.rotabairrada.grupoma.eu/irt/321/Caifaz%C2%A9FMB%20%20foto%20Jos%C3%A9%20Moura.JPG

57 **fig.27** fotografia do autor

70 **fig.30** fotografia do autor

71 **fig.31** fotografia do autor

74 **fig.32** fotografia do autor

75 **fig.33** COELHO, Pedro. http://olhares.sapo.pt/regresso-ao-megalitico-cromeleque-dos-almendres-foto4856424.html

77 **fig.34** BENSON, Frank. http:// chinatifoundation.com

86 **fig.38** fotografia do autor

89 **fig.39** autor desconhecido em, http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/CCC_workers_making_concrete_blocks_-_NARA_-_285791.jpg